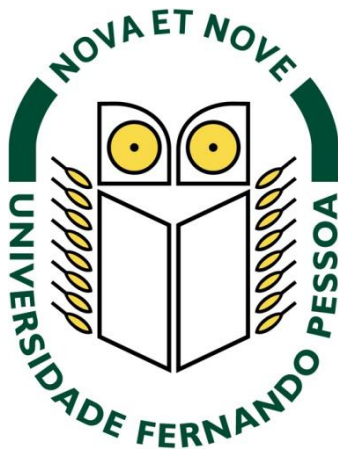


Ana Rita Maia Valente



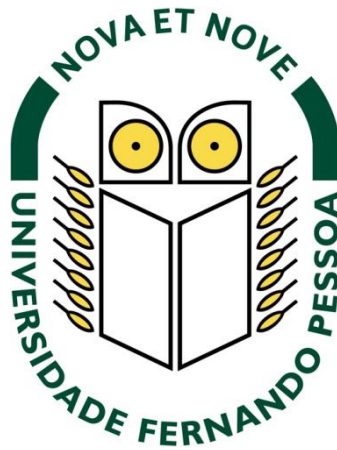
Parentalidade Nómada e Ajustamento Psicossocial dos Filhos

Universidade Fernando Pessoa

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Porto, 2020

Ana Rita Maia Valente



Parentalidade Nómada e Ajustamento Psicossocial dos Filhos

Universidade Fernando Pessoa

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Porto, 2020

Ana Rita Maia Valente

Parentalidade Nómada e Ajustamento Psicossocial dos Filhos

Atesto a originalidade do trabalho,

Ana Rita Valente

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde sob a orientação do Professor Doutor Luís Santos.

RESUMO

A parentalidade é um tema que se encontra sempre atual, em constante desenvolvimento e que terá sempre espaço nas conversas da sociedade. Tanto a figura materna como a figura paterna são elementos fundamentais no desenvolvimento dos seus filhos, sendo estes as figuras modelo no desenvolvimento inicial dos seus descendentes. Os movimentos migratórios são também uma constante, um pouco por todo o mundo. Em Portugal, concretamente, sempre se verificou um movimento migratório significativo, principalmente de pessoas em busca de novas oportunidades mais lucrativas e que lhe fornecem uma estabilidade financeira no futuro.

O presente estudo, qualitativo e de base fenomenológica, tem como objetivo problematizar as experiências de jovens a viver num ambiente familiar sem a presença física regular do pai, por motivo de emigração, explorando dificuldades e estratégias de ajustamento psicossocial associadas à construção de si.

Foram recolhidos testemunhos de jovens com idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos. Os discursos dos participantes foram organizados segundo a análise temática, tendo sido identificados dois temas: i) Em busca de uma vida melhor; e ii) impactos e desenvolvimentos. Os resultados apurados sugerem um impacto significativo no desenvolvimento emocional, cognitivo e social dos participantes, que se refletiu em mudanças pessoais e relacionais. Sugerem ainda um reajustamento familiar e social das famílias dos entrevistados, assim como a existência de um apoio extra tanto a nível escolar (integração numa sala de estudo) como a nível pessoal (apoio psicológico).

Palavras-chave: Parentalidade; Emigração; Ausência; Ajustamento Psicossocial.

ABSTRACT

Parenting is a topic that is always up to date, in constant development and that will always have space in society's conversations. Both the mother figure and the father figure are fundamental elements in the development of their children, these being the model figures in the initial development of their descendants.

Migration movements are also a constant, all over the world. In Portugal, in particular, there has always been a significant migratory movement, mainly of people looking for new and more lucrative opportunities that provide them with financial stability in the future.

The present study, qualitative and with a phenomenological basis, aims to problematize the experiences of young people living in a family environment without the regular physical presence of the father, due to emigration, exploring difficulties and psychosocial adjustment strategies associated with self-construction.

Testimonies were collected from young people aged between 18 and 25 years. The participants' speeches were organized according to the thematic analysis, and two themes were identified: i) In search of a better life; and ii) impacts and developments. The results obtained suggest a significant impact on the emotional, cognitive and social development of the participants, which was reflected in personal and relational changes. They also suggest a family and social readjustment of the interviewees' families, as well as the existence of extra support both at school level (integration in a study room) and at personal level (psychological support).

Keywords: Parenting; Emigration; Absence; Psychosocial Adjustment.

DEDICATÓRIA

Dedico-o aos meus pais,

Que sempre acreditaram em mim.

Por todo o amor envolvido.

Que sempre me ensinaram a lutar pelos meus sonhos, fossem eles quais fossem.

AGRADECIMENTOS

Do fundo do coração, ao meu orientador Professor Doutor Luís Santos por ter aceitado partilhar comigo esta experiência e motivar-me a fazer melhor. Agradeço pela confiança que depositou em mim.

Agradeço aos meus pais, pela força e motivação que me transmitiram ao longo de todo o percurso. Por todas as alegrias que me proporcionam. Apesar de ter o meu pai longe fisicamente, manteve-se sempre perto e, sem dúvida, deu-me todo o apoio necessário.

Ao meu namorado, por todo o apoio constante e amor envolvido.

Agradeço à minha querida amiga Andreia, pela amizade e por toda a ajuda que me deu. Sem dúvida, uma amiga com um enorme coração.

À minha amiga Daniela, por todo o empenho e dedicação que mostrou nas horas de maior tensão. Ficarei para sempre grata.

Agradeço à minha companheira de curso e amiga fundamental que foi ao longo destes últimos 5 anos. Percorremos juntas e unidas, fomos o apoio uma da outra, principalmente nesta fase. Nunca esquecerei.

Agradeço a todos os meus amigos que me acompanharam nesta que será, sem dúvida, uma sonhada e tão esperada conquista.

ÍNDICE GERAL

RESUMO	V
ABSTRACT	VI
DEDICATÓRIA.....	VII
AGRADECIMENTOS	VIII
ÍNDICE DE TABELAS	XI
ÍNDICE DE ANEXOS	XII
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I – Enquadramento Teórico	3
1.1. O papel do homem na família.....	3
1.2. Evolução da emigração em Portugal	6
1.3. A família e a sua importância	9
1.4. Importância da presença física paterna.....	10
1.4.1. Influência do pai no desenvolvimento emocional e psicológico dos filhos.....	11
1.4.2. Influência do pai no desempenho escolar e académico dos filhos	16
1.4.3. Influência do pai nas relações sociais dos filhos	17
CAPÍTULO II – Metodologia	19
2.1. Desenho da investigação.....	19
2.1.1. Questões de investigação e objetivos	19
2.1.2. Participantes	19

2.1.3. Instrumentos	20
2.1.4. Procedimentos	21
2.2. Pressupostos de análise de dados: Análise temática.....	21
2.2.1. Definições, padrões e paradigmas	21
CAPÍTULO III – Apresentação e Discussão dos Resultados	24
3.1. Em busca de uma vida melhor	24
3.2. Impactos e desenvolvimentos	26
DISCUSSÃO.....	49
CONCLUSÃO.....	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55
ANEXOS	62

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Emigrantes Portugueses. Adaptado de PORDATA, 2020.....	6
Tabela 2. Emigrantes Portugueses por Sexo. Adaptado de PORDATA, 2020	7
Tabela 3. Taxa de Desemprego. Adaptado de PORDATA, 2020	8
Tabela 4. Caracterização sociodemográfica dos participantes	19

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo A – Questionário Sociodemográfico.....	62
Anexo B – Guião de Entrevista Semiestruturada	63
Anexo C – Declaração de Assentimento	64
Anexo D – Parecer da Comissão de Ética	65

INTRODUÇÃO

Os movimentos migratórios sempre estiveram presentes na história de Portugal. Tanto os movimentos de imigração como os de emigração estão muito presentes naquilo que é a realidade do país. No caso concreto da emigração, esta tem permitido aos cidadãos lusos rumar a novos países em busca, na maior parte das vezes, de oportunidades de trabalho mais lucrativas. De facto, a emigração, a partir dos anos 60 do Século XX, afetou substancialmente as relações sociais entre os membros familiares. Com isto, torna-se evidente um afastamento entre estes, gerando, compreensivelmente, um impacto doloroso devido à sua separação. Um dos principais fatores que leva à emigração do homem consiste na procura de uma vida melhor a nível monetário para a sobrevivência de toda a família (Cepeda, 1995).

Ora, sendo a família um conjunto de indivíduos que mantêm uma relação, formando um agregado familiar, esta está presente em todas as sociedades e é considerada um dos primordiais ambientes de socialização da criança. Esta atua como sendo a principal mediadora dos padrões, modelos e culturas transmitidas de geração para geração. É, igualmente, um meio de assegurar o bem-estar dos membros que a constituem, sobretudo a proteção das crianças. Sendo assim, a família revela ter um impacto considerável nos comportamentos e atitudes dos indivíduos, nomeadamente no que diz respeito às crianças. A família é, ainda, um meio fundamental de aprendizagem com práticas e culturas distintas e próprias, normalmente seguem as mesmas linhas culturais das gerações anteriores, contribuindo para o desenvolvimento individual e coletivo (Dessen & Polonia, 2007).

Sabe-se que o papel e o significado da figura paterna têm vindo a modificar-se ao longo dos anos, podendo distinguir-se dois tipos de famílias: a família moderna, em que o pai era o provedor e o chefe de família; e a família contemporânea em que o pai passa a ter mais cuidados afetivos com os filhos, maior afinidade; e mais envolvimento no desenvolvimento e crescimento destes (Sutter & Bucher-Maluschke, 2008; Wall & Arnold, 2007). As diferenças que, no passado, eram evidentes entre a paternidade e maternidade, em que a mãe era a principal e quase única cuidadora dos filhos, tem sido

progressivamente esbatida, na medida em que, hoje em dia, o pai participa e envolve-se em tudo relativamente aos filhos (Wall & Amâncio, 2007; Miller, 2011).

O presente estudo, qualitativo e de base fenomenológica, tem como objetivo problematizar as experiências de jovens a viver num ambiente familiar sem a presença física regular do pai, por motivo de emigração, explorando dificuldades e estratégias de ajustamento psicossocial associadas à construção de si.

Em termos de organização, a primeira parte do trabalho, de enquadramento teórico, compreende um capítulo dedicado ao papel do homem, à emigração em Portugal, à importância da família e às influências que podem ser prejudiciais para os filhos. A segunda parte do trabalho, referente ao estudo empírico, encontra-se organizada em dois capítulos: o primeiro refere-se à metodologia, em que apresentam os objetivos, os instrumentos utilizados, os participantes, os procedimentos utilizados na recolha e tratamento dos dados; e o segundo, que corresponde à apresentação e discussão dos resultados. O trabalho termina com a conclusão onde são sistematizados os principais resultados, identificadas algumas das suas limitações e sugeridas pistas de investigação futura.

CAPÍTULO I – Enquadramento Teórico

1.1. O papel do homem na família

As desigualdades entre homens e mulheres têm ocupado um lugar de destaque na produção psicossociológica sobre a família. Ao longo dos tempos, observou-se um processo de mudança no papel de cada elemento da família, desmistificando-se a ideia dos papéis sociais marcados por uma natureza biológica, dando lugar a visões socialmente construídas do género enquanto categoria social diferenciada do sexo (Marinho, 2010). Em Portugal, por exemplo, as transformações sofridas na realidade “sexuada” da família fez com que a posição social das mulheres se transformasse radicalmente ao longo das últimas três décadas. É certo que a entrada das mulheres nos setores tradicionalmente masculinos, designadamente no mercado de trabalho, foi uma das linhas mestras que originou um processo de mudança na sociedade portuguesa desde o 25 de abril, movimento cujas suas origens remontam para os anos anteriores situados na década de 60 (Marinho, 2010).

A emigração dos homens fez com que as mulheres se integrassem na esfera do trabalho profissional, nomeadamente na agricultura ou no setor dos serviços, que se encontrava em grande expansão e é aí que o número crescente de mulheres começa a substituir os homens que teriam emigrado (Silva, 1983; Andre, 1993). Tal como já foi dito, ao longo das últimas décadas foram inúmeras as mudanças que a sociedade portuguesa sofreu. Há cinquenta anos, vivia-se numa sociedade rural, pobre, ignorante e, sobretudo, marcada pela grande diferenciação de género. Tanto no contexto familiar como social, as mulheres exerciam funções bastante distintas do homem. Enquanto ao homem cabia o dever de sustentar e proteger a família, à mulher era exigido que esta permanecesse em casa, fiel ao papel de “esposa” e “mãe” (Marinho, 2010).

Em 1960, eram poucas as mulheres que estavam inseridas no mercado de trabalho, sendo que grande parte delas desempenhavam tarefas necessárias para a sobrevivência da família, contribuindo assim para os trabalhos agrícolas essenciais à sobrevivência do grupo familiar. Ora, o aumento da taxa de atividade feminina sinalizou uma das mudanças mais marcantes da sociedade portuguesa. Entretanto, depois de 1974, a entrada feminina no mercado de trabalho evoluiu ainda mais e a um ritmo ainda mais rápido, tornando Portugal num dos países europeus com maior número de

mulheres ativas a trabalhar a tempo inteiro (Marinho, 2010). A conquista feminina de um lugar cada vez mais visível na esfera pública fez com que as relações de género e a vida familiar sofresse alterações à medida que o esquema patriarcal da mulher doméstica e subordinada ia sendo colocado em causa e aumentava o número de casais em que tanto o homem como a mulher trabalhavam a tempo inteiro (Lewis, 2001; Pascall e Lewis, 2004; Pfau-Effinger, 2004a e 2004b).

Em Portugal, a decadência do antigo modelo de “homem provedor”, o que sustenta a família, sinaliza um movimento muito rápido de transformação, por comparação a outros países da Europa. Assim, a principal consequência do aumento da presença feminina no mundo do trabalho, tem-se traduzido no declínio sistemático do modelo tradicional de homem provedor e de mulher doméstica (Crompton, 2006). Naquela que é considerada como uma família tradicional, a figura paterna revelava um papel autoritário no seio familiar sendo o responsável pelo seu sustento económico da família, enquanto a mulher era quem cuidava dos filhos e da casa. A nível hierárquico, era o pai quem tinha mais poder e domínio sobre a mulher e os filhos, era a figura autoritária da família. Hoje, na família dita contemporânea, o modelo de família, a sua organização é, regra geral, diferente. Por conseguinte, com a entrada da mulher no mercado de trabalho, a figura materna passa a ter um papel mais equiparado ao do pai, deixando de ser a cuidadora exclusiva e a tempo inteiro dos filhos e da casa e deixa de estar submissa às exigências do marido/homem. A mulher passou a conquistar a sua independência económica, resultando assim num reajuste familiar. Conjuntamente com a evolução do conceito de família, verificou-se também um aumento do número de famílias monoparentais compostas pela mãe (Gomes & Resende, 2004).

Resumidamente, o lugar do homem na família baseava-se em três funções principais que definiam o homem como “bom pai” e “bom marido” (Marinho, 2010), designadamente:

- Provedor: esta função estava associada ao ser “o trabalhador”, exigindo a si próprio longas horas de trabalho ou até mesmo sacrifícios caso necessário. Este teria de ser poupado nos gastos gerais e individuais, isto é, o marido tinha direito aos gastos, enquanto homem chefe de família, enquanto os gastos da mulher eram apenas em benefício das lides da casa (Marinho, 2010);

- Chefe de família: o homem era visto como representante de autoridade e guardião da moral no seio da família. Tal função estava ligada à ideia de homem autoritário, que exige respeito e obediência dos restantes membros familiares. Era este quem tinha o poder de decisão sobre os destinos da família e de cada um dos seus membros, tal como tinha o poder de sancionar comportamentos desviantes, castigando e punindo os transgressores. Na altura, era inaceitável que não fosse o homem a figura autoritária e esperava-se, dentro da qualidade de “bom pai”, que o mesmo fosse severo e disciplinar, sem infligir maus tratos excessivos. No entanto, cabia ao pai ensinar a obediência e transmitir as normas sociais vigentes sem transigir e sem generosidades afetivas que pudessem colocar em causa a disciplina o modelo ideal da família visto pela sociedade (Marinho, 2010);
- Protetor: esta função estava relacionada com a obrigação de prestar assistência às pessoas próximas e que estavam na sua dependência económica e social. Significava proteger a sua família do abandono material e dos perigos externos, honrando o “bom nome” da família, optando muitas vezes pelo ostracismo ou até pela expulsão dos membros da família que a colocam em causa (Marinho, 2010).

Como já foi referido, os anos 60 e 70 do Século XX representaram, do ponto de vista da sociedade europeia, uma época de otimismo, isto é, de confiança no crescimento económico e na subida dos níveis de qualidade de vida. Para além disto, representaram igualmente um momento de afirmação do movimento feminista e do movimento geral das sociedades com vista a igualdade dos direitos dos cidadãos. O 25 de abril introduziu no país mudanças imediatas e radicais no que diz respeito às políticas de família da segunda metade dos anos 70. O seu objetivo apresentava dois propósitos: a) alterar o modelo de famílias e dos papéis de género subjacentes às políticas anteriores; e b) promover uma nova relação entre o Estado e a família, reconhecendo a autonomia e a liberdade dos indivíduos e de todas as famílias na esfera privada, garantindo, ao mesmo tempo, o apoio e a proteção do Estado (Marinho, 2010).

A autonomia da mulher era, ainda na mesma linha, a expressão e o motor do processo de individualização e de maior igualdade no que toca à família. A mulher

devia poder trabalhar a tempo inteiro, tal como o homem, e o Estado devia apoiar a família nas suas diversas funções de guarda das crianças (Marinho, 2010). Já na família contemporânea, associa-se ao lugar do homem novas funções e competências familiares (Marinho, 2010):

- A função de cooperar na vida familiar;
- A partilha do poder conjugal e o respeito pela mulher;
- A exigência de obediência devendo respeitar ao mesmo tempo a opinião e autonomia dos filhos;
- A educação em vez de se preocupar apenas com a disciplina e exigir certos comportamentos para o desenvolvimento integral dos filhos.

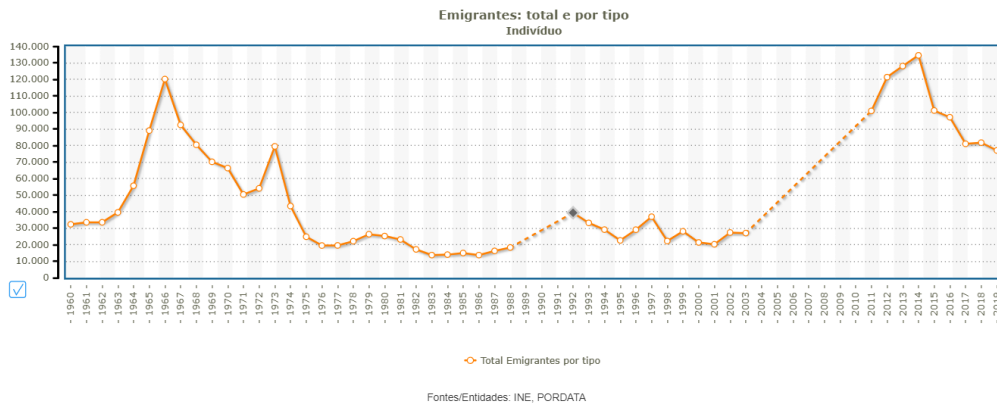
Assim sendo, pode afirmar-se que este período atual representa uma nova fase na política de conciliação entre a vida familiar e profissional (Marinho, 2010).

1.2. Evolução da emigração em Portugal

Ao longo da evolução da História da Humanidade verificaram-se inúmeros fenómenos relativos a fluxos migratórios a nível nacional e internacional. Os fluxos migratórios, internos ou internacionais, são, hoje como no passado, uma das principais forças de transformação social em todo o mundo capazes de acentuar, acelerar ou desacelerar diversos processos de ordem económica, jurídica, política, social ou cultural (Baganha *et al.*, 2010; Castles, 2005). No caso concreto de Portugal, a evolução dos movimentos migratórios é monitorizada desde os anos 60 do Século XX. O primeiro pico de emigração verifica-se no ano de 1966, tendo sempre tendência a estabilizar em números mais baixos nos anos que se seguiram, ocorrendo um novo pico entre 2010 e 2014, anos que marcaram Portugal por uma das maiores crises económicas do país (PORDATA, 2020)

Tabela 1.

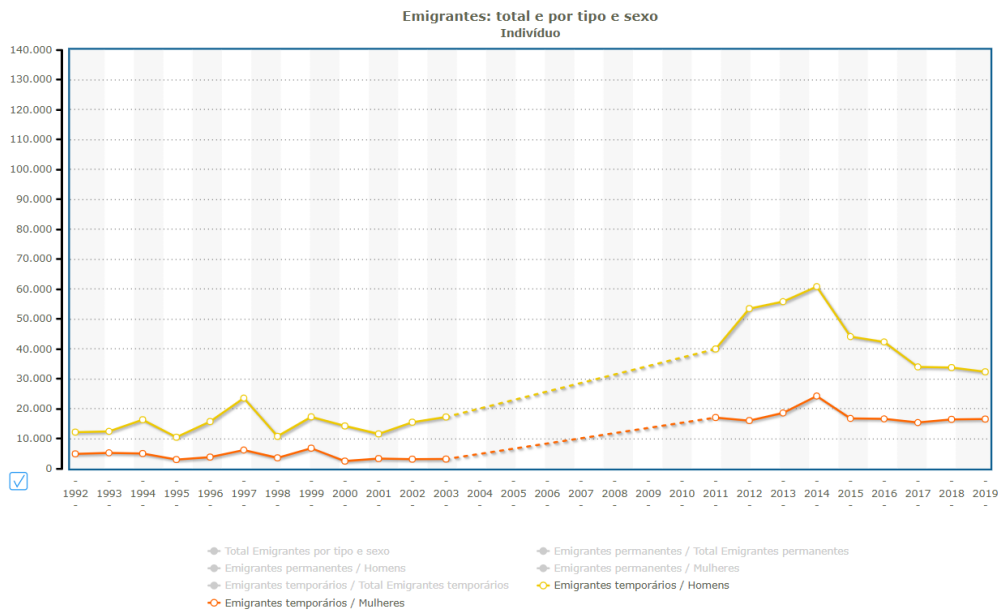
Emigrantes Portugueses. Adaptado de PORDATA, 2020



Verifica-se também que é o sexo masculino que emigra mais relativamente ao sexo feminino. Com isto, conclui-se exatamente que no seio familiar é o homem que sai de casa para contruir uma maior estabilidade financeira familiar. Na tabela seguinte, pode apurar-se isso mesmo e que a diferença de homens para mulheres emigrantes é de 36602, em 2014, pico da emigração portuguesa (PORDATA, 2020).

Tabela 2.

Emigrantes Portugueses por Sexo. Adaptado de PORDATA, 2020

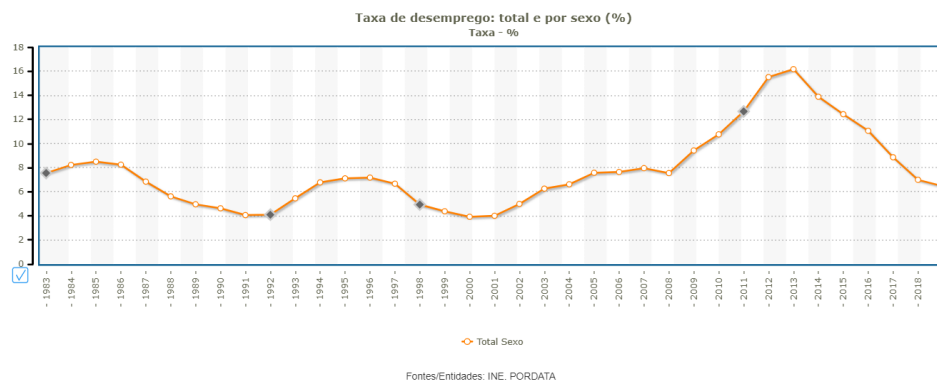


As razões que originam os movimentos de emigração são as mais variadas, indo desde: a) a busca de salários mais altos; b) a falta de empregos bem remunerados no país; c) a esperança de um dia regressarem a Portugal com dinheiro suficiente para viver um quotidiano estável; e d) pela existência de trabalhos precários (Paulo, 2017). É evidente em Portugal a existência de trabalhos precários, a diminuição progressiva de direitos sociais, o empobrecimento e a falta de perspectivas de mudança das empresas a curto prazo, fazendo com que cada vez mais os cidadãos portugueses emigrem para melhores condições de trabalho a todos os níveis (Castro, Tomé & Carrara, 2015). A emigração torna-se, assim, um dos temas da atualidade, afetando não só o meio urbano como o rural. No plano social, verifica-se que a emigração influencia o desenvolvimento da sociedade portuguesa. Este fenómeno é cada vez mais prevalente, espacial e temporal do cidadão português, tornando-se visível a diversidade de modelos de desenvolvimento económico, social, cultural e profissional do país (Correia, 2016).

Segundo dados presentes da PORDATA, a taxa de desemprego, durante os anos de crise financeira em Portugal (2010-2014) atingiu o seu pico em 2013 com 16,2% de desempregados no país. Atualmente, esta taxa está em 6,5%, estando o número de emigrantes permanentes em 28219 cidadãos. Aqueles que optam por emigrar, não têm como condição imperativa viver em condições de miséria em Portugal, podem apenas procurar uma vida mais estável, tanto para si como para toda a sua família, vendo o trabalho noutra país como uma oportunidade para alcançar esse mesmo objetivo (PORDATA, 2020).

Tabela 3.

Taxa de Desemprego. Adaptado de PORDATA, 2020



No plano emocional e particular, a emigração leva ao afastamento de um dos membros do agregado familiar, passando a existir mudanças nas práticas quotidianas, na degradação do bem-estar psicológico e emocional e no aumento de discussões familiares e conjugais (Paulo, 2017).

1.3. A família e a sua importância

Pode definir-se família como um conjunto de indivíduos que mantêm uma relação, formando um agregado familiar, constituído por progenitores e descendentes ou com um vínculo, afinidade ou adoção (Infopedia, 2020). O conceito de configuração familiar é considerado um conjunto de elementos que constituem um núcleo familiar, sendo possível existir várias configurações familiares. A família é representada como um espaço de socialização entre os membros familiares, levando a que haja uma interação entre todos, aprendizagem, um desenvolvimento individual e um arranjo entre eles para que haja consenso e uma dinâmica exequível (Falco & Melchiori, 2009). Segundo Minuchin & Fishman, 2004):

“La familia es el contexto natural para crecer y para recibir auxilio. (...) La familia es un grupo natural que en el curso del tiempo ha elaborado pautas de interacción. Estas constituyen la estructura familiar, que a su vez rige el funcionamiento de los miembros de la familia, define su gama de conductas y facilita su interacción recíproca. La familia necesita de una estructura viable para desempeñar sus tareas esenciales, a saber, apoyar la individuación al tiempo que proporciona un sentimiento de pertinencia.” (Minuchin & Fishman, 2004, p.25).

A família é a vivência de cada ser humano influenciando o desenvolvimento dos seus descendentes. O conceito de família sobreviveu ao passar dos anos devido à sua capacidade de sofrer adaptações e modificações estruturais. A família é descrita pelos historiadores como o primeiro grupo natural ao qual o indivíduo pertence e que lhe transmite de forma inconsciente todos os valores básicos (Burns, 1959). Diversos estudos realizados mostram que tanto a figura paterna como a materna são relevantes para a aprendizagem e o desenvolvimento da criança (Bernales, 2012). Tanto a figura materna como a paterna devem estar bastante presentes neste desenvolvimento. Assim, torna-se relevante afirmar que a ausência de um destes poderá prejudicar os filhos (Trapp & Andrade, 2017).

Apesar de cada progenitor ter um papel distinto no desenvolvimento da criança, os seus papéis são igualmente importantes e complementares entre si. As funções da

mãe passam por contribuir para a linguagem, sendo que os bebés têm a capacidade de aprender qualquer língua. Tem um papel importante a nível afetivo no bebé, tem a capacidade de transformar o mau no bom, isto é, a fome em satisfação e a dor em prazer, tranquilizando o filho e tem também como função a promoção da energia psíquica necessária ao filho (Iglesias & Lucero, 2015).

No caso do pai, as suas funções passam por transmitir segurança ao filho, promovendo assim a independência necessária para existir desapego relativo à mãe e impor regras e organizar o funcionamento emocional do filho para que este possa desenvolver relações estáveis na sociedade (Iglesias & Lecero, 2015). No desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança, a interação entre pai e filho é crucial na capacidade de aprendizagem e integração da criança na sociedade. O papel do pai dentro da família tem vindo, como se disse, a sofrer alterações com o evoluir dos anos. Esta evolução deveu-se a vários fatores, desde diferenças culturais, sociais ou até familiares, ficando evidente a alteração das funções da figura paterna no seio do ambiente familiar. Se anteriormente o pai era visto como o suporte financeiro da família, como um elemento de autoridade junto dos filhos e a mãe quase não tinha direitos nenhuns, nos dias que correm, a mulher já tem um papel mais igualitário ao do pai, não gerindo apenas as lides de casa e dos filhos, mas tendo também um emprego e contribuindo para a gestão financeira da família. A rutura na hierarquia familiar acontece quando a mulher é introduzida no mercado de trabalho, verificando-se a alteração significativa na autoridade que era atribuída à figura paterna. Antes, a mulher dependia economicamente do marido, o que já não se verifica desde então. O pai era a figura autoritária, o que tinha o poder em casa perante a esposa e os filhos, sendo este a impor as regras que pretendia (Benczik, 2011).

1.4. Importância da presença física paterna

Num estudo realizado por Ferrari (1999) conclui-se que a presença dos dois membros, mãe e pai, é essencial para o desenvolvimento do filho, sendo que com os dois, a criança realiza a aprendizagem natural dos processos de identificação e diferenciação. Quando um se ausenta por tempo indeterminado, não interagindo tanto, nem convivendo, a criança poderá revelar prejuízo na sua personalidade (Ferrari, 1999).

Depois de esclarecer a importância e o papel ativo que cada um dos progenitores desempenha no desenvolvimento dos seus filhos ao longo da sua vida, é possível referir que ambos os progenitores são cruciais na evolução e aprendizagem futura dos filhos, precavendo as possíveis consequências que se ressaltarão na fase da adolescência (Charro, 2015).

O complexo de Édipo fundado por Sigmund Freud (1924) demonstra que na fase fálica, por volta dos três anos e meio, esta desenvolve um conjunto de desejos amorosos e hostis relativamente ao pai. A figura paterna, elemento de autoridade, torna-se um ponto central e faz com que aconteça uma organização psíquica da criança (Zanetti & Hofih, 2016). A teoria psicanalítica dá a conhecer o papel crucial e estruturador do pai, com a implementação do Complexo de Édipo. Revela, assim, que a figura paterna tem impacto no desenvolvimento do filho (Gomes & Resende, 2004). Na infância, a presença da figura paterna é importante no decorrer do processo de desenvolvimento da mesma, principalmente na resolução de conflitos, segundo, Aberastury (1991).

Num estudo elaborado por Lima, Serôdio e Cruz, em 2011, que tinha como objetivo avaliar a perceção que as crianças têm em relação ao papel que cada um dos progenitores assume relativamente às responsabilidades parentais, a mãe assume maioritariamente mais responsabilidades do que o pai, no que diz respeito às atividades dos filhos. As crianças que participaram no estudo revelaram que a figura paterna é a que tem maior responsabilidade no que diz respeito às atividades do seu quotidiano. No que diz respeito ao papel de autoridade junto das crianças, o pai, como já na Antiguidade se verificava, apresenta um papel de maior destaque. Já nas atividades escolares, quem assume um papel de maior relevância é a mãe, sendo esta a que as crianças mais destacam nesse papel. Desta forma, é possível perceber que as funções do pai e da mãe são complementares entre si, tendo os dois um papel e uma presença fundamental para a formação de um núcleo familiar mais forte (Lima, Serôdio & Cruz, 2011).

1.4.1. Influência do pai no desenvolvimento emocional e psicológico dos filhos

A ausência da figura paterna pode tornar-se um fator de risco no que toca ao desenvolvimento emocional, psicológico, cognitivo e social para o filho na fase da

adolescência (Eizirik & Bergman, 2004; Feldman & Klein, 2003). Neste sentido, a ausência física do pai na infância e na adolescência pode trazer diferentes consequências para os seus filhos, que se podem refletir, posteriormente, na idade adulta. Esta ausência pode reverter-se em desequilíbrio emocional e psicológico, interferindo com vários aspetos cruciais da personalidade dos descendentes. Quando a ausência física do pai não se torna adaptativa de alguma forma, pode prejudicar o desenvolvimento destes (Trapp & Andrade, 2017). A presença do pai no quotidiano da criança afeta diretamente na sua internalização e externalização dos comportamentos (Bernard, Whutson & Kaufman, 2015).

Segundo Shinn (1978), existe uma influência no desenvolvimento cognitivo da criança e/ou adolescente, concluindo que famílias com ausência da figura paterna desenvolvem maior ansiedade, derivado ao motivo da ausência do pai, mais concretamente, dificuldades financeiras. Deste modo, pode verificar-se que é importante o acompanhamento do pai ao filho de forma a que este tenha um desenvolvimento emocional e psicológico normativo. A investigação tem vindo a comprovar que famílias monoparentais, onde o pai é a figura ausente apresentam mais problemas comportamentais e um pior desempenho académico e escolar (Ellis *et al*, 2003). Apesar dos estudos sobre a influência do pai no desenvolvimento dos filhos serem menos numerosos, relativamente ao da figura materna, são já vários aqueles que destacam a importância da relação pai e filho (Silva & Stamatto, 2016).

“a autoridade de pai fundamentava-se na função de provedor financeiro da família, figura de ligação entre o passado, presente e futuro, destacando-se no topo da pirâmide na condição de marido e representante da instituição familiar. Estas dimensões eram fortalecidas pela dimensão cultural das representações sociais atribuídas aos papéis masculino e de autoridade” (Carvalho, 2003, p.151).

O pai não pode ser visto apenas como uma figura que pode ou não estar presente na vida dos seus descendentes. É preciso perceber que este tem um impacto nos filhos, em diferentes áreas, como por exemplo, no desenvolvimento da sua orientação ética e moral, no sustento monetário do agregado familiar, no apoio emocional à companheira/esposa e na educação que dá aos filhos (Lima, Serôdio & Cruz). Num estudo realizado nos Estados Unidos por Marshall e seus colaboradores (2001), cujo objetivo foi compreender se a ausência da figura paterna seria prejudicial para os filhos revelando problemas de comportamento e sintomas depressivos quando estes tinham 4 e

6 anos de idade, os resultados revelaram que, na ausência do pai, quando a criança tinha 4 anos revelava problemas de comportamento e quando tinha 6 anos, apresentava uma maior externalização de comportamentos agressivos (Marshall, English & Stewart, 2001).

Pelo desenvolvimento do trabalho, torna-se relevante explicar a teoria do desenvolvimento psicossocial de Erikson. Erik Erikson foi um psicanalista (1902-1994) que estudou as influências das pessoas no desenvolvimento da personalidade. Para este, o desenvolvimento do ego ocorria ao longo da vida do indivíduo, tendo dividido em oito fases esse desenvolvimento: a) confiança *versus* desconfiança; b) autonomia *versus* vergonha e dúvida; c) iniciativa *versus* culpa; d) engenho *versus* inferioridade; e) identidade *versus* confusão da identidade; f) intimidade *versus* isolamento; g) generatividade *versus* estagnação; e h) integridade *versus* desesperança. Cada uma destas fases significava um acontecimento na personalidade, permanecendo o tempo necessário para que exista a ultrapassagem positiva ou negativa do desenvolvimento do ego (Papalia, Olds & Feldman, 2001). O autor considerou relevante o estudo de Freud em relação ao desenvolvimento da personalidade, que interliga as pulsões com o desenvolvimento psicosexual (Verissimo, 2002). Este autor defende que o ser humano evolui com as exigências internas do seu ego e do meio onde vive, ou seja, ambiente familiar, sociedade e cultura. Ao longo do seu desenvolvimento, o indivíduo passa por uma crise psicossocial, positiva ou negativa, que originam cada uma das fases desta teoria, sendo que há um reajuste da personalidade (Rabello & Passos, 2008). Vejamos cada uma delas:

- Confiança *Versus* Desconfiança:

Relativamente a esta fase de desenvolvimento psicossocial da teoria de Erikson, que decorre até aos 18 meses do bebé, tem como relação significativa a mãe, sendo que o bebé cria uma “teoria” daquilo que acontece à sua volta através dos sentidos transmitidos pela figura materna. A confiança deriva essencialmente da tranquilidade e da prestação de cuidados necessários transmitida pela mãe ao bebé, podendo este compreender que o ambiente em que está inserido não é ameaçador. No entanto, surge a desconfiança, na medida em que a figura materna, que nesta fase inicial do crescimento é a mais presente, pode não compreender os sentimentos do bebé, começando por ficar

mais ansiosa, receosa e até assustada, que ao transmitir esses sentimentos ao bebé realça a sua desconfiança (Verissimo, 2002).

- Autonomia Versus Vergonha e dúvida:

Nesta fase o pai começa a assumir um papel de maior relevância, na medida em que tanto a mãe como o pai constituem as relações significativas para a criança. Esta fase permanece dos 18 meses até aos 3 anos, chamada de primeira infância. Nesta idade, a criança inicia a exploração e interação com o meio que a rodeia através do gatinhar, andar e falar, desenvolvendo, assim, o sentido de autonomia. Contudo, perante os perigos inerentes ao meio que a rodeia, torna-se importante que os pais mantenham a atenção plena na criança para que esta não se magoe, não permitindo, por exemplo, o uso de umas escadas. Então, surge o sentimento de incerteza relativamente às suas capacidades. Os pais são as figuras essenciais para zelarem por uma dinâmica de equilíbrio para que a criança compreenda o que está a acontecer.

- Iniciativa Versus Culpa:

As relações significativas marcantes nesta fase, que permanece dos 3 anos aos 5 anos de idade, segunda infância, é a família nuclear. Para além do que o meio ambiente proporciona à criança, esta toma iniciativa de exploração: brinca, planeia, decide, entre outros, iniciando atividades que permitem que haja uma aprendizagem progressiva. No entanto, surge a culpa no sentido em que o meio que a rodeia, a família, o proíbe de certas brincadeiras surgidas nos pensamentos da criança.

- Engenho Versus Inferioridade:

Aqui entram as relações com os pares criados no ambiente escolar. É nesta fase que, para além, da família, a escola também passa a fazer parte das relações significativas da criança. Esta fase perdura dos 5 anos aos 13 anos de idade, considerada a idade escolar. Ultrapassadas as fases anteriores mencionadas, a criança desenvolve um sentido de responsabilidade, principalmente derivado da escola, pois é nesta instituição que a criança recebe recompensas e elogios para reforço positivo, ajudando na autoestima e autoconceito da mesma. Os trabalhos de casa são um exemplo de como a criança desenvolve responsabilidade, sendo que os pais também influenciam. No

entanto, caso esse esforço seja desvalorizado e colocado em causa, a criança cria o sentimento de inferioridade (Verissimo, 2002).

- Identidade *Versus* Confusão da Identidade:

Esta fase tem essencialmente como relações significativas os pais, ocorrendo dos 13 aos 21 anos (Verissimo, 2002). É ao longo da adolescência que ocorre a chamada crise da identidade, isto é, são colocados em causa vários aspetos da personalidade, de forma a que a sociedade “aceite”. O autor refere que o adolescente necessita de segurança para assegurar a construção do seu ego nas fases anteriores. Nesta faixa etária, surge a necessidade da aceitação do mundo que os rodeiam, sendo os maiores influenciadores os pais. Surge, assim, a confusão da identidade devido à preocupação que é causada, fazendo com que haja uma frequente mudança na personalidade acompanhada pelas mudanças físicas que ocorrem no corpo (Rabello & Passos, 2008).

Assim sendo, tal como esta fase da teoria do desenvolvimento psicossocial de Erikson clarifica, o adolescente precisa de um apoio por parte das pessoas que o rodeiam, tendo em conta que tanto a mãe como o pai são os que influenciam mais e ajudam nas tomadas de decisões que esta fase acarreta (Rabello & Passos, 2008).

- Intimidade *Versus* Isolamento:

Esta fase do desenvolvimento psicossocial acontece entre os 21 e os 40 anos, tendo como relações significativas os companheiros amorosos, as amigas e a família. Surge o aprofundamento e envolvimento íntimo com os pares, de índole sexual ou não, dando origem à intimidade. Apesar das relações serem favoráveis, podem ser emergidas de desilusão e perda, levando a um isolamento gerado pelo medo de errar e “cair no mesmo erro” (Verissimo, 2002).

- Generatividade *Versus* Estagnação:

As idades desta fase variam entre os 40 e os 60 anos, em que as relações significativas são a família e cuidadores que possam ser necessários. Para Erikson, esta é uma fase dedicada à produtividade e criatividade, exprimindo-se na preocupação com os filhos, com os pais e com as futuras gerações. O autor refere que o indivíduo estando satisfeito no emprego e com a família, nutre ajuda necessária ao outro. Pode ainda

existir o contrário, gerando assim uma estagnação, na medida em que não coopera com o próximo.

- Integridade Versus Desesperança:

Esta é a fase de mais de 60 anos, que tem como resultado favorável a renúncia e a sabedoria. Há um contemplar do que foi vivido pelo indivíduo e o que considera que foi enquanto qualidades e defeitos, surgindo uma satisfação e integridade ou um sentimento de amargura (Verissimo, 2002).

Com isto, torna-se essencial referir que, apesar de serem explicadas as oito fases da teoria do desenvolvimento psicossocial de Erikson, para este projeto apenas é relevante ter um olhar mais profundo sobre duas fases: a fase dos 5 aos 13 anos e a fase dos 13 aos 21 anos, devido aos objetivos centrais.

1.4.2. Influência do pai no desempenho escolar e académico dos filhos

Os pais influenciam os filhos desde o nascimento destes, devido às suas crenças, aos seus desejos e às suas expectativas, permitindo assim uma integração psicossocial dos filhos (Krom, 2000). São os pais que proporcionam à criança desenvolver a sua autonomia, conhecendo o mundo exterior. Pode afirma-se que com o crescimento dos filhos, estes passam a ser influenciados pelos seus pares e não só pelos pais, diversificando assim as relações sociais. Como defende Owuamanam (1982), tanto os pais como os pares influenciam na mesma proporção os adolescentes, sendo apenas diferente os assuntos entre eles (Owuamanam, 1982). Existe um impacto significativo da presença dos pais no que toca à escola e aos estudos, considerando que quanto mais participação houver por parte destes, maior será o desempenho escolar e académico (Aunola, Nurmi, Lerkkanen, & Rasku-Puttonen, 2003). Isto é, a dedicação dos pais nas tarefas escolares, tais como: a) a elaboração dos trabalhos de casa; b) o encorajamento para realização de actividades extracurriculares; c) a interação dos pais com a escola; e d) o apoio nos planos escolares que os filhos tenham, facilita o desempenho destes. Pode afirmar-se que a ausência dos pais é, sem dúvida, a principal barreira para o envolvimento, dedicação e desempenho escolar e académico das crianças e adolescentes (Khajehpour, 2011). A participação parental relativamente ao desenvolvimento

vocacional provê uma contribuição no bem-estar psicológico e no desenvolvimento de competências, tal como a autoconfiança e a autoeficácia (Gonçalves & Coimbra, 2007; Hutz & Bardagi, 2006; Santos, 2005). Um estudo realizado por Berber e Eccles (1992), concluiu que a ausência da figura paterna influencia ativamente a autoestima dos seus descendentes, bem como as relações pessoais que estes criam com outras pessoas (Berber & Eccles, 1992).

Segundo Montgomery, médico psiquiatra da infância e adolescência no serviço de psiquiatria da infância e adolescência do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, no Brasil, a ausência da figura paterna tem um impacto nocivo elevado na educação escolar dos seus filhos, sendo que a probabilidade da criança vir a repetir o ano é duas vezes superior do que se a figura paterna estiver presente (Eizirik & Bergamann, 2004). Vários estudos demonstram que a presença do pai é essencial, inclusive na motivação e dedicação que os filhos revelam face à escola, evidenciando um melhor aproveitamento escolar e acadêmico (Vizzotto, 1988). Além disto, é importante referir que a presença da figura paterna é necessária e contribui para um melhor desenvolvimento intelectual do filho e uma melhor adaptação escolar (Engle & Breaux, 1998).

1.4.3. Influência do pai nas relações sociais dos filhos

A relação entre pai e filho é importante ao longo do processo de crescimento, sendo que a presença do primeiro facilita as relações sociais do filho e o modo como este se insere na sociedade (Gomes & Resende, 2004). Um estudo realizado por Verchueren e Marcoen (1999), nos Estados Unidos, cujo objetivo central foi a examinar a importância do pai nas relações sociais dos filhos, e, mais especificamente, relacionar o autoconceito das crianças com o relacionamento com o pai, mostrou que a ausência da figura paterna poderia influenciar no comportamento do filho na idade escolar e na adolescência, prejudicando o progresso escolar e acadêmico, como por exemplo: a) maior números de faltas nas aulas; b) maiores níveis de ansiedade; c) descida nas avaliações escolares e acadêmicas; d) diminuído o relacionamento com os pares; e) fragilidade emocional; e f) maior externalização. Nestes casos, caso não haja uma intervenção para mudança de comportamentos e atitudes, pode influenciar negativamente na fase adulta dos filhos (Black, Dubowitz & Star, 1999; Frosch &

Mangelsdorf, 2001). Esta ausência pode levar ainda a que haja conflitos internos na criança e no adolescente podendo gerar nestes comportamentos agressivos (Benczik, 2011).

CAPÍTULO II – Metodologia

2.1. Desenho da investigação

2.1.1. Questões de investigação e objetivos

O presente estudo tem como objetivo problematizar as experiências de jovens a viver num ambiente familiar sem a presença física regular do pai, por motivo de emigração, explorando dificuldades e estratégias de ajustamento psicossocial associadas à construção de si. Os objetivos específicos deste estudo são: descrever dificuldades sentidas por jovens universitários em virtude da ausência física regular do pai; explorar implicações decorrentes das dificuldades sentidas por jovens universitários em virtude da ausência física regular do pai na construção de si; e identificar estratégias de ajustamento psicossocial face à ausência física regular do pai.

2.1.2. Participantes

O presente estudo teve a colaboração de um total de 10 participantes adultos, 3 do sexo masculino e 7 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos. Foram considerados os seguintes critérios de inclusão: i) ser maior de idade; e ii) ter vivido a realidade da figura paterna presente e só mais tarde ausentar-se fisicamente por motivos de emprego no estrangeiro. Serviram como critérios de exclusão: i) a menoridade; e ii) ter vivenciado a situação do pai ausente no passado e não no momento atual, por mais de três anos. Quanto ao estado civil e tal como é possível verificar na tabela 4, 9 participantes são solteiros e 1 é casado. No que diz respeito às habilitações literárias, 8 participantes têm um curso superior e 2 participantes têm o ensino secundário, estando atualmente a frequentar o Ensino Superior. Relativamente à faixa etária em que os participantes se encontravam quando a figura paterna emigrou, varia entre os 8 e os 15 anos. É importante perceber que a ausência da figura paterna ocorreu na fase da adolescência dos participantes. No que toca à duração da emigração da figura paterna, varia entre os 5 e os 10 anos. Um dos critérios de exclusão deste estudo é o participante ter vivenciado a situação do pai ausente no passado e não no momento atual, por mais de três anos. Sendo este um dos critérios, foram três os participantes em que o pai regressou há 3 anos; 4 participantes há 4 anos; dois participantes há 6 anos; e

um participante há 7 anos. A tabela 4 traduz a caracterização sociodemográfica dos participantes, identificando o sexo, a idade, a idade que tinha quando o pai emigrou, a duração da emigração do pai, o estado civil, e a habilitação literária. Todos os participantes foram identificados com um nome fictício.

Tabela 4.

Caracterização sociodemográfica dos participantes

Participante	Sexo	Idade Atual	Idade quando pai emigrou	Duração de emigração do pai	Estado Civil	Habilitações Literárias
João	M	24	8	10 Anos	Solteiro	Ensino Superior
Joana	F	23	17	3 Anos	Solteira	Ensino Superior
Mariana	F	24	12	9 Anos	Solteira	Ensino Superior
Cristina	F	24	14	6 Anos	Solteira	Ensino Superior
Alfredo	M	25	10	10 Anos	Casado	Ensino Superior
Liliana	F	22	8	8 Anos	Solteira	Ensino Superior
Patrícia	F	24	10	10 Anos	Solteira	Ensino Superior
Ângelo	M	19	5	10 Anos	Solteiro	Ensino Secundário
Madalena	F	18	9	5 Anos	Solteira	Ensino Secundário
Ana	F	25	11	7 Anos	Solteira	Ensino Superior

2.1.3. Instrumentos

Os materiais utilizados nesta investigação são um questionário sociodemográfico (Anexo A), e um guião de entrevista semiestruturado elaborado exclusivamente para este estudo pela investigadora e orientador (Anexo B). O questionário sociodemográfico foi realizado com o objetivo de recolha de informação dos participantes, tal como, idade, sexo, estado civil, habilitações literárias, profissão e situação laboral. Relativamente ao guião de entrevista semiestruturada foi elaborado com sete questões de base, abertas e exploratórias, e que facilitaram o desenvolvimento entre a entrevistadora e os participantes. Estas questões foram elaboradas e pensadas de forma a ter um rumo base, no entanto, e como se esperava, foi realizada uma variedade de outras

questões que ao longo das entrevistas foram consideradas oportunas, de modo a colher dados importantes para atingir os objetivos propostos.

2.1.4. Procedimentos

Primeiramente foi realizada a revisão da literatura sobre a temática e a respetiva elaboração e criação dos instrumentos de recolha de informação. Realizou-se um projeto para entregar à Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa, o qual obteve um parecer favorável (Anexo D). De seguida, iniciaram-se os contactos com os participantes através do método efeito “bola de neve” em que os participantes sugeriram outros participantes disponíveis a participar. Todos os participantes que aceitaram participar no estudo devolveram, através da aplicação *WhatsApp*, a Declaração de Assentimento (Anexo C). Após a receção da Declaração de Assentimento, procedeu-se ao envio do questionário sociodemográfico e, de seguida, iniciou-se a entrevista semiestruturada. As entrevistas foram realizadas *online*, tendo sido dada aos participantes a possibilidade de a mesma ser realizada com ou sem imagem. Todas as entrevistas foram realizadas sem imagem e em formato escrito e tiveram, em média, uma duração de 1h30m. No final de cada entrevista, a investigadora agradeceu aos participantes, deixando em aberto a possibilidade de um eventual contacto posterior para algum esclarecimento considerado pertinente. Por fim, após a recolha da informação empírica, realizou-se uma leitura das entrevistas, de modo a ter um contacto primordial com o *corpus* de análise. Numa segunda etapa, procedeu-se à leitura mais aprofundada da informação recolhida, de forma a reduzir os dados tendo em conta os objetivos iniciais definidos.

2.2. Pressupostos de análise de dados: Análise temática

2.2.1. Definições, padrões e paradigmas

A análise temática é uma importante e eficaz técnica de análise de dados qualitativos (Braun & Clarke, 2013). Esta análise é essencialmente uma técnica que permite identificar e analisar padrões em dados qualitativos, ajudando a interpretar vários aspetos nos tópicos a serem estudados (Boyatzis, 1998). Segundo Braun e Clarke

a análise temática pode ser dividida em seis fase de desenvolvimento. Na primeira fase importa ler e reler toda a informação por forma a perceber quando e como ocorrem determinados padrões na informação. Num segundo momento devem ser gerados os códigos iniciais (subunidades da análise que permitem identificar uma característica específica de um segmento de dados), onde se documenta onde e que padrões ocorrem. Este processo ocorre quando o pesquisador agrega os dados em categorias para tornar a sua análise mais eficiente. Nesta fase, o pesquisador também deve fazer inferências sobre o que os códigos significam. Desta forma, é possível criar códigos abrangentes e perceber como estes respondem às perguntas da pesquisa. Na terceira fase, é necessário agrupar os códigos em temas abrangentes, que são representações precisas dos dados obtidos pelo pesquisador. Os temas devem ser precisos e deve ser descrito o que está a faltar na análise. No fim desta fase, deve ser possível obter uma lista de temas que são passíveis de ser analisados posteriormente. Na quarta fase, o pesquisador deve perceber e analisar de que forma os temas sustentam os dados e a perspetiva teórica abrangente, caso seja notada uma análise incompleta, o pesquisador deve tentar perceber e solucionar o que não está correto. Na quinta fase, é o momento em que o pesquisador tem de definir o que corresponde a cada tema, que informação se está a recolher dos dados e quais deles são relevantes para o tema em estudo. Neste momento deve ser feita uma análise mais abrangente, aferindo de que forma os temas estão a contribuir para a compreensão dos dados recolhidos. Na sexta, e última fase, é o momento de perceber quais dos temas obtidos trazem alguma contribuição significativa para a compreensão dos dados. No fim desta fase deve existir uma descrição detalhada de todos os resultados obtidos (Braun & Clarke, 2013).

Pelo facto da análise qualitativa ser incrivelmente diversificada e complexa, a análise temática deve ser vista como uma base que a suporta. Uma das suas principais vantagens é a sua flexibilidade (Holloway & Todres, 2003). Através da sua liberdade teórica, a análise temática fornece uma ferramenta flexível e útil, que pode fornecer uma grande quantidade de dados detalhados, ainda que complexos. Para além disso, esta é uma técnica que permite a análise que um grande conjunto de dados, permite também a interpretação de temas apoiada em dados, bem como um desenvolvimento indutivo de códigos e temas a partir dos dados obtidos inicialmente. A análise temática abrange um vasto leque de interesses de pesquisa bem como de hipóteses teóricas e torna-se útil enquanto método “básico” porque: i) permite trabalhar com uma grande variedade de

questões de pesquisa, desde aquelas que abrangem as experiências e conhecimentos, até aquelas que representam a construção de um dado fenómeno num contexto em particular; ii) pode ser utilizada para analisar uma grande variedade de dados, desde fontes secundárias, como por exemplo informação proveniente dos media, a transcrições de grupos de foco até entrevistas; iii) funciona quer num grande como num pequeno raio de dados; iv) é possível através dela produzir dados ou teorias com base na análise.

CAPÍTULO III – Apresentação e Discussão dos Resultados

3.1. Em busca de uma vida melhor

Os resultados obtidos nas circunstâncias associadas à ausência física regular da figura paterna no contexto familiar, sugerem, de acordo com o esperado, uma semelhança nas respostas dos participantes. Os entrevistados referem e ressaltam que a situação monetária é a razão pela qual levou os seus pais a emigrar.

Joana, 23 anos, conta que o seu pai se viu forçado a emigrar para um outro país, a Suíça, expondo o seu ponto de vista:

O meu pai emigrou um ano antes de eu entrar para a faculdade, há cerca de 6 anos. Como as despesas da faculdade são bastantes os meus pais decidiram que era o melhor a fazer para conseguirmos ter uma vida estável mesmo com todas essas despesas. [...] Sim, bastante! Sempre tivemos uma vida bastante estável, mas com as despesas acrescidas da faculdade não iria ser possível manter a mesma qualidade de vida caso ele não tivesse emigrado. Por isso sim, foi graças a isso que foi possível suportar todas as despesas. (Joana, 23 anos).

Mariana, 24 anos, começa por referir quando e qual o motivo que levou o pai a deslocar-se para um outro país:

O facto do meu pai estar mais ausente foi devido ao facto de ele ter ficado sem emprego. Isto aconteceu na minha adolescência, eu tinha mais ou menos 12 anos. [...] O facto de ter ficado desempregado levou a que passássemos por dificuldades financeiras e então surgiu a oportunidade de ir ele ir. (Mariana, 24 anos).

Cristina, 24 anos, descreve o momento e as circunstâncias que estão na origem da partida do seu pai para França:

No início o meu pai começou a trabalhar em Portugal em várias localidades fora do Porto que é a zona onde residimos. A circunstância acho que é comum ao geral das famílias, foi a procura de uma qualidade de vida melhor. No início ia mais para Norte de Portugal e ficava lá só uma semana e ao fim de semana vinha para o Porto, mas com o passar do tempo mudou de empresa e foi para França e nesse caso permaneceu lá por muitos mais anos. Para nos poder ajudar (Cristina, 24 anos).

Alfredo, 25 anos, refere qual o principal motivo que levou à emigração do pai e acrescenta quem lhe transmitiu a notícia:

Era para nos dar uma vida melhor. O salário que lhe propuseram era bem melhor do que o que ele tinha cá, e foi nesse sentido. [...] A portadora dessa notícia foi a minha mãe. Até mesmo ela recebeu essa notícia por chamada, porque pela forma que foi, até mesmo ele ficou na dúvida se

iria ou não. Mas ela disse-lhe para não olhar para trás e ir. A minha mãe trabalhava na mesma escola onde eu estudava e foi ela me comunicou (Alfredo, 25 anos).

Liliana, 22 anos, descreve a situação:

O meu pai, desde sempre, por obrigações laborais com o intuito de potenciar uma vida melhor à nossa família trabalhou fora. Em vários países. [...] A nível financeiro, o ordenado de Portugal não estava a dar para sustentar as despesas todas (Liliana, 22 anos).

Patrícia, de 24 anos, tinha 10 anos quando o pai emigrou e refere que houve um reajustamento familiar.

O meu pai emigrou para França quando eu tinha 10 anos, porque apesar de ter trabalho em Portugal considerou que seria o melhor em termos de futuro, na medida em que com ordenados melhores conseguiria garantir um futuro mais seguro. Na família perder um elemento fundamental é sempre um momento delicado, que se foi ajustando com o passar dos anos (Patrícia, 24 anos).

Relativamente à decisão de emigração do pai, João, 24 anos, esclarece o momento, as causas e a idade que tinha a quando desta deliberação:

Os meus pais decidiram que seria a melhor decisão para nos garantir uma vida melhor. Na altura ele estava empregado, mas não tinha um ordenado muito elevado e como nasceu em França e alguns irmãos já estavam emigrados na Suíça, ele decidiu arriscar. [...] Tinha 8 anos (João, 24 anos).

Para Ângelo, 19 anos, as razões foram as seguintes:

Quando o meu pai resolveu ir trabalhar para o estrangeiro, eu tinha 5 anos, não me recordo muito bem de nada porque era novo. Sei que ele foi trabalhar para fora do país porque achou que era o melhor para a nossa família em termos de dinheiro (Ângelo, 19 anos).

Madalena, 18 anos, explica as razões do pai, expressando o que sentiu quando percebeu a situação:

O meu pai arranjou um trabalho fora do país quando eu tinha 9 anos. Sou filha única e na altura fiquei com a minha mãe. Lembro-me perfeitamente do momento em que os meus pais decidiram que seria o melhor. Já era um tema habitual de ser falado desde que surgiu a oportunidade até ele ir. Eles decidiram ir porque estávamos a passar uma fase menos boa a nível financeiro. [...] Sim lembro-me, inicialmente achei piada porque ele ia e era bom pelo que entendia, mas depois quando começou a preparar tudo para ir e fazer as malas e a explicar que ia por meses, comecei a ficar mais triste, mas acho que na altura sem grande noção de como seria (Madalena, 18 anos).

Para Ana, 25 anos, a principal razão foi o desemprego, acrescentando o tempo que o pai esteve sem emprego:

O meu pai foi trabalhar para a Suíça quando eu tinha 11 anos. Foi uma escolha dos meus pais devido à situação económica. O meu pai já estava desempregado há algum tempo e como surgiu esta oportunidade ele aceitou. [...] Estava há meio ano mais ou menos. A oportunidade surgiu por ele mesmo. Enviou vários currículos na *internet* e uma das empresas precisava de um trabalhador da área dele na Suíça, então ele arriscou. Para termos uma vida melhor, sem os meus pais terem de contar o dinheiro, propriamente dito. [...] Porque antes do meu pai ir falavam muito das questões do dinheiro, quando ele foi passado alguns meses e ele se habituar ao trabalho, deixou de ser um problema o dinheiro e o problema passou a ser a distância (Ana, 25 anos).

3.2. Impactos e desenvolvimentos

Dependendo da forma como cada entrevistado gere a partida do pai, pode ou não ter um impacto significativo positivo ou negativo. No que diz respeito ao impacto que a partida do pai teve sobre Joana, 23 anos:

Não me recordo muito bem, mas sei que não teve um grande impacto, porque o meu pai é camionista internacional de longo curso, logo já cresci com a habitual ausência que a profissão acarreta. Ele sempre passava cerca de 15 dias fora e 2 dias mais ou menos em casa, por isso já estava habituada. [...] Ele regressava bastantes vezes, vinha todos os meses ou então de 2 em 2 meses. Como ele fazia algumas horas e as mesmas não eram pagas, ele aproveitava e vinha sempre passar fins de semana, chegava sexta e ia domingo. Ele tirava com antecedência e conseguia viagens bastante baratas nas companhias *lowcost*. Mesmo assim, não tendo um impacto tão grande, houve mudanças a nível familiar. Ele não estando tão presente acaba por ser diferente. (Joana, 23 anos).

Cristina, 24 anos, conta como e através de quem teve conhecimento da notícia de que o pai iria emigrar e, ainda, como lidou com esta:

Lembro-me que disseram-me como se fosse uma situação banal, do género “vai ali e vem já” mas não era, como éramos novos eu e o meu irmão era só para ver se não ligávamos muito a situação ... foi tipo “o pai agora vai trabalhar para França, mas passado um tempo volta” [...] Lembro-me de não achar que não estivéssemos assim tão mal para o meu pai ter de ir para fora trabalhar, então fiquei bastante confusa. Porque depois perguntava a minha mãe se era mesmo necessário e ela dizia-me que não, mas que era melhor assim [...] Foi a minha mãe que me disse (Cristina, 24 anos).

A entrevistada, Mariana, 24 anos, enumera também algumas das consequências sentidas com a partida do pai:

Quando ele emigrou eu fiquei de tal modo triste que as minhas notas baixaram e afastei-me um bocadinho dos meus amigos. Consegui enfrentar tudo isto através de uma conversa com ele,

onde ele me explicou o porquê de ter emigrado. Consegui recuperar as minhas notas e voltar à minha vida "normal" (Mariana, 24 anos).

A jovem descreve como lidou, na altura, com a notícia de que o pai teria de emigrar por motivos maiores:

Foi muito difícil para mim ele ir embora, nós sempre fomos muito ligados e não o ter comigo todos os dias foi muito difícil (Mariana, 24 anos).

Cristina, 24 anos, descreve o que sentiu e o impacto que teve:

Foram momentos difíceis! Na verdade, sei que foram difíceis para nós, e acho que só pensamos em nós, porque raramente paramos para pensar como será para eles que estão lá fora sem ninguém conhecido, não é?! Onde ninguém fala a língua deles, etc. [...] No início parece que as pessoas andam mais caladas cá em casa, depois ficam mais angustiadas. Se nós nos sentimos assim imagina ele lá. Depois as chamadas normais passam a ser os *facetimes* (Cristina, 24 anos).

Esta entrevistada conta, ainda, como e através de quem teve conhecimento da notícia de que o pai iria emigrar e ainda, como lidou com esta:

Lembro-me que disseram-me como se fosse uma situação banal, do género “vai ali e vem já” mas não era, como éramos novos eu e o meu irmão era só para ver se não ligávamos muito a situação ... foi tipo “o pai agora vai trabalhar para França, mas passado um tempo volta” [...] Lembro-me de não achar que não estivéssemos assim tão mal para o meu pai ter de ir para fora trabalhar, então fiquei bastante confusa. Porque depois perguntava a minha mãe se era mesmo necessário e ela dizia-me que não, mas que era melhor assim [...] Foi a minha mãe que me disse (Cristina, 24 anos).

Seja positivo ou negativo, há formas distintas de lidar com as situações, variando de ser humano para ser humano. Para Liliana, 22 anos, não foi fácil gerir a notícia contada pelos pais:

Nunca é algo fácil de gerir, lembro-me de ter muitas saudades, de sentir a casa fisicamente com uma sensação de vazio. Isso é sem dúvida a pior parte, a adaptação. Fica-se com um sentimento de tristeza e vazio, e claro que a presença paterna é muito importante no crescimento e desenvolvimento, e sente-se essa ausência quando temos marcos e conquistas importantes, e o nosso pai não está presente pois está fora do país. Aí nesses momentos, vem o desejo de que estivesse cá. [...] Faltava sempre ali o pai, mais uma pessoa em casa, à mesa, a conviver. Acho que foi com o tempo que me fui adaptando e habituando ao facto de ele não estar. Não me lembro de ter sido de outra forma. [...] Os meus pais juntos, é que me explicaram a decisão que tinham tomado e dentro da melhor forma possível tentaram fazer-me compreender os motivos dessa escolha. No fundo era um sacrifício para que se pudesse ter uma qualidade de vida melhor, para que se possível nada nos faltasse. [...] Surgiu sentimentos mistos, mexer novamente no passado, mas agora vejo as coisas de outra forma. Pois à medida que vamos crescendo, percebemos as motivações dos nossos pais de outro modo. E agora o que me fica de sentimentos

ao recordar esses momentos, é uma mistura de tristeza, mas por outro lado de carinho de recordar os momentos. Pois devido à ausência os momentos que depois passamos juntos são vividos com mais intensidade. [...] Não estava à espera, por isso, inicialmente, fiquei parada no tempo, sem saber o que dizer. Depois perguntei o porquê de ele ter de ir. Os meus pais explicaram-me e eu acabei por compreender, apesar de que era pequena e então acho que só quando ele foi mesmo e não voltou durante alguns meses é que dei conta de que custava (Liliana, 22 anos).

Relativamente ao modo como lidou com a notícia de que o pai iria emigrar, Patrícia refere que devido à idade que tinha foi complicado compreender o que significaria em concreto aquela ida, sendo que com o crescimento e maturidade começou a ganhar clareza.

Na altura, sendo ainda pequena, não consegui assimilar completamente o que isso significaria para mim num longo período de tempo, mas com o passar dos anos é notória a falta que um pai faz no desenvolvimento, principalmente emocional. Claro que fiquei triste porque já sabia que estaríamos separados por longos períodos de tempo, mas não dei a importância devida penso eu (Patrícia, 24 anos).

Alfredo, 25 anos, descreve ter sido um “choque”:

Naquele momento foi um choque, e não deu para reagir. No entanto, e como disse anteriormente, quando cheguei a casa e confirmei que realmente as coisas dele não estavam lá, caiu tudo e comecei a chorar. Foi um momento triste, parecendo até que tinha uma pedra na garganta. Já não estava lá a pessoa que nos protege e naquele momento nem pensava que ele tinha ido e que voltava... era como se tivesse ido de vez! Foi complicado. (Alfredo, 25 anos).

João, 24 anos, revela como lidou com a notícia e o que significava para si:

Eu tinha cerca de 8 anos, não me recordo muito bem. Acho que não liguei muito quando soube, como era muito novo não tinha noção das coisas, e acho que pensava que ele ia estar mais ou menos 1 ou 2 semanas fora, não que seriam meses ... com o passar do tempo é que me fui apercebendo do que isso implicava. Implicava ele não estar presente em datas importantes, não estar todos os dias em casa, não estar tão presente em tudo. Acho que com a idade que tinha na altura não tinha muita noção por isso só quando o tempo foi pensando e fui percebendo que ele ia e voltava, é que fui sentido mais saudades e tristeza quando ele não estava (João, 24 anos).

Foi então solicitado a João, 24 anos, que estabelecesse em que nível, numa escala de 0 (nada triste) e 10 (muito triste), se encontrava esse sentimento de tristeza, solidão e revolta:

Acho mesmo que no 10. Senti que faltava ali o meu pai que brincava comigo, na altura claro. Depois com o tempo fui sentindo menos tristeza. Ou fui sabendo lidar com ela. [...] Agora que penso nisso acho que na altura senti revolta, no sentido em que as outras crianças tinham o pai e

eu não por causa do dinheiro. Na altura acho que também não tinha noção se o dinheiro chegava ou não e das contas dos meus pais para compreender melhor a atitude deles (João, 24 anos).

João, 24 anos, afirma que se tornou mais introvertido, porém mais forte:

Ensinou-me a ser mais forte, não demonstrar as minhas emoções muito facilmente, quase como se estivessem desligadas; talvez porque assim não sentia tanto a falta dele. [...] Sim, mas só agora que penso nisso porque na altura não sabia, era uma mistura de sentimentos. Eu era uma criança muito animada, falava com toda a gente, extrovertida. [...] Quando o meu pai foi, acho que me tornei mais fechado e mesmo com pessoas estranhas eu já não falava tanto nem me abria tanto (João, 24 anos).

A idade é um fator importante na medida em que os participantes eram novos, podendo não se recordar a 100% de todo o processo inicial. Para Ângelo, 19 anos, isso foi notório:

Eu não senti que tivesse implicações no facto do meu pai se ausentar, mas talvez não senti isso devido à idade (Ângelo, 19 anos).

Madalena, 18 anos, explica o sentimento ocorrido no momento em que o pai fez as malas:

Não sei explicar, senti-me em baixo, triste, chorei no dia em que ele foi porque os meus pais também. Quando estavam a fazer as malas achei piada e ajudei, mas claro sem muita noção (Madalena, 18 anos).

Segundo Ana, 25 anos, a forma como lidou com a notícia de que o pai teria de sair do país, foi positiva. Esta descreve o que sentiu:

Lidei bem. Como o tema “falta de emprego” já era falado em casa desde que o meu pai ficou desempregado e andava tudo desanimado, eu fiquei feliz por ele ter arranjado um trabalho. Foi uma mistura de sentimentos. Estava feliz por ele ir trabalhar, mas triste por ficar tanto tempo fora de casa (Ana, 25 anos).

Ana, 25 anos, referiu que não seria descabido o pai arranjar um emprego fora do país, devido às conversas que iam surgindo em casa no seio familiar, explicando de que forma geria o que ouvia:

Era tudo à base de “não arranjo nada”, “está complicado encontrar algo”, “estou em casa sem fazer nada”. Dentro deste género. Tristeza, os meus pais sentiam-se em baixo e penso que

exaustos da procura. Sentia que era chato para eles e para mim porque acabava por realmente existir menos dinheiro em casa (Ana, 25 anos).

Ao longo de todo este processo, os participantes descreveram, esclareceram e explicaram o que, na altura, foi mais difícil e os sentimentos e emoções derivados. Joana, 23 anos, fala do que para si foi mais difícil nessa fase:

O que foi mais difícil talvez tenha sido o facto de as decisões terem ficado todas ao cargo da minha mãe. É assim, nós falávamos todos os dias com ele, e ele tinha uma palavra a dizer em todas as decisões, mas a realidade é que ele não estava cá por isso recaía tudo sobre ela, o que fazia com que a pressão fosse muito grande e eu e ela acabamos por entrar em atrito e discussões várias vezes. Isto já acontecia antes, mas tinha sempre o meu pai para mediar as coisas, mas na ausência dele tornou-se muito complicado gerir estas situações (Joana, 23 anos).

Esta participante descreve algumas das emoções e sentimentos que caracterizaram este processo difícil de ausência do pai, assim como a sua relação com a mãe:

Foi bastante complicado, principalmente no início. Já é difícil lidar com a ausência do nosso pai, e quando, juntamente com isso, é preciso lidar com as discussões com a mãe, parece que ficamos sem chão. Lembro-me que muitas vezes sentia um vazio enorme. [...] sempre fomos bastante próximas e confidentes, as discussões aumentaram sim, mas foi apenas isso. (Joana, 23 anos).

Mariana, 24 anos, afirma não ter sido nada fácil lidar com todo este processo de afastamento, aprofundando o tema:

Fechei-me completamente no meu mundo. [...] Não deixava que os meus amigos se aproximassem de mim, afastava-os, falava para eles de uma forma ríspida, até que eles perceberam o que se estava a passar e aos poucos consegui voltar a abrir-me para eles. [...] Sentia essencialmente tristeza devido ao facto de não o ter aqui comigo e de não estar presente em algumas datas importantes (Mariana, 24 anos).

Cristina, 24 anos, fala como lidou com todos as emoções e sentimentos que surgiram após e durante a ausência do seu progenitor:

No início é complicado até porque as pessoas que te rodeiam também se sentem afetadas. Mas depois começamos a brincar com a situação (Cristina, 24 anos).

Aproveita para relatar o que para si foi mais difícil, afirmando também quais as estratégias que, na ocasião, utilizou para lidar com tudo aquilo que sentiu:

Por exemplo, ao jantar. Sentimos muita diferença porque notamos a falta e era um momento em que falávamos muito e trocávamos muitas ideias e deixou de acontecer. Ao domingo sempre que podíamos também almoçávamos fora. Deixou de acontecer porque sem ele não tinha piada [...] Quando digo que brincávamos com a situação era porque dizíamos piadas acerca dele estar longe. A minha mãe por exemplo conseguiu ir algumas vezes ter com o meu pai a França. Tirando fazermos videochamadas não estou a ver outra estratégia (Cristina, 24 anos).

Liliana, 22 anos, referiu que havia diferenças quando o pai estava ausente ou presente:

A falta de carinho, de um abraço quando era preciso, isso também. Ou até mesmo nos aniversários. [...] O mais difícil foi, como referi, a passagem de coisas importantes, como concluir o secundário, entrar na faculdade, concluir objetivos e gostava de ter vivenciado esses momentos presencialmente. Mas na verdade eu sempre vivi assim, habituei-me desde cedo, à ausência do meu pai. E foi muito importante a postura dele e da minha mãe, que fizeram de tudo para que eu nunca me sentisse mal (Liliana, 22 anos).

A solidão e a tristeza foram sentimentos vivenciados por João, 24 anos, que teve o pai ausente durante 10 anos, tal como se pode recordar:

O processo foi complicado, senti-me bastante sozinho, na solidão... o principal sentimento que me recordo penso que foi mesmo a tristeza (João, 24 anos).

Ângelo, 19 anos, referiu que o sentimento que surgiu no momento em que tomou conhecimento da notícia, foi a tristeza:

Eu apenas me recordo de me sentir triste porque via as minhas irmãs tristes e a minha mãe. Sabia que o meu pai ia trabalhar para longe, mas como era novo não tinha muita noção do que o que ele estava a fazer por nós ou se era imenso tempo que ia estar ausente. [...] Sinceramente não, mas talvez brincar. Como também as minhas irmãs eram mais velhas acabavam por me ajudar mais do que eu a ele. [...] Lembro-me de fazer várias perguntas em casa sobre quando o pai voltaria. Acho que o mais difícil ao longo do processo foi mesmo ir percebendo que ele vinha e ia e tanto estava como não estava. O facto de não estar em casa connosco todos os dias, e sentir que ele estava longe foi o que mais custou. [...] Sentia que ele tanto estava como não estava, enquanto que as outras crianças tinham os dois pais a levar à escola e a ir às festas, eu só tinha a minha mãe e as minhas irmãs. À medida que fui crescendo, fui compreendendo melhor as suas razões porque nós somos 4 filhos e as dificuldades que tínhamos fez com que ele aceitasse esta oportunidade [...] Sentia tristeza e saudade (Ângelo, 19 anos).

Madalena, 18 anos, descreve os sentimentos vividos e a forma como lidava e ultrapassava estes:

Sentia-me feliz, ansiosa. [...] Acho que com o tempo ficava tudo bem, mas claro que custava a passar e depois via a minha mãe também triste e a chorar e então chorava também com ela. [...]

Acho que com o tempo. Depois dele ir, iam passando os dias e ia ficando mais descansada e menos ansiosa (Madalena, 18 anos).

Ana, 25 anos, partilhou os seus pensamentos referindo-se à altura em que se isolava:

Como antes dele ir passei muito tempo com ele por ter estado desempregado e fazíamos imensas coisas juntos e passávamos mais tempo juntos, quando ele foi custou mais acho eu. Também quando o tempo começou a passar e surgiam festas na escola ele nunca estava para poder ir e isso deixava-me triste. Tal como nos aniversários ou casamentos e assim. [...] Tinha vários momentos no meu dia. Sentia-me triste porque ele não estava e por exemplo na escola, os pais dos meus amigos estavam lá todos menos o meu. Depois sentia-me apoiada por todos aqueles que davam valor ao que o meu pai tinha feito em ir trabalhar para fora. Depois sentia uma certa revolta porque queria que ele estivesse comigo e connosco a acompanhar-nos e só não estava porque no nosso país não havia trabalho para ele. Então nestas datas era sempre uma mistura de sentimentos. Claro que foram passando os anos e passou um aniversário sem ele, passou outro sem ele, passou mais um sem ele e uma pessoa começa a saber lidar melhor com isso porque tem de ser e não forma de ele estar presente. É chato (Ana, 25 anos).

Tal como terá de existir uma gestão relativamente à distância e não presença em datas específicas, também, existirá um processo de lidar com todas as emoções e sentimentos associados. Patrícia, 24 anos, evidencia a injustiça sentida nessa altura:

Esse processo não foi simples, inicialmente, porque sendo pequena não considerava justo uns poderem ter os pais e outros não, mas considero que a ajuda da minha mãe nesse sentido foi fundamental para me ajudar a ultrapassar esses sentimentos da melhor forma e conseguir crescer e desenvolver-me de forma mais equilibrada possível. [...] Sentia-me triste e pensava como seria se ele tivesse (Patrícia, 24 anos).

O apoio incondicional de pessoas próximas mostrou-se, sem dúvida, essencial para que a probabilidade de os participantes se sentirem sós fosse menor. Estes têm em comum, a presença materna e dos irmãos, como principal apoio. No que diz respeito à relação com a sua mãe, Mariana, 24 anos, conta que esta ficou ainda mais forte com a ausência do seu progenitor:

Ficámos mais unidas. [...] A minha mãe compreendia melhor tudo e prestava mais atenção a tudo e datas e amanhã tenho isto e depois de amanhã tenho aquilo. O meu pai não se lembrava de nada. Porque enquanto que eu estando fisicamente com a minha mãe, íamos falando mais do que vez dos assuntos, com o meu pai não, contávamos que dia x eu tinha isto, mas, entretanto, ele não estava nos dias anteriores a esse dia a falar de tudo. Então esquecia-se. Daí eu ter dito que é diferente e senti essa diferença. [...] Não sei identificar o que em concreto. Apenas sei olhar para trás e pensar em tudo e perceber que o que senti enquanto ele esteve ausente não foi o mesmo do que quando esteve presente e regressou de vez aos meus 14 anos. [...] Sentia mais apoio da minha mãe quando ele não estava e quando voltou sentia um apoio repartido pelos dois (Madalena, 18 anos).

Cristina, 24 anos, fala da sua aproximação com a sua mãe após a emigração do seu pai, assim como da sua relação com o seu irmão:

Também sinto que me aproximei mais da minha mãe! [...] Com o meu irmão não tudo se manteve (Cristina, 24 anos).

Muitas vezes, a ausência física do pai pode fazer com que haja alterações positivas ou negativas na relação pai-filho(a) e mãe-filho(a). Liliana, 22 anos, explica:

Sempre tive uma boa relação com o meu pai, especialmente em pequenina, e essa boa relação manteve-se ao longo dos anos. Claro também com os seus desentendimentos normais, mas ao longo do crescimento posso dizer que a relação foi estável nunca senti um impacto prejudicial. [...] Penso que em relação à minha mãe, nos aproximou ainda mais. Acho que fortaleceu os nossos laços. Era engraçado porque uma grande diferença que notei foi que antes os meus pais tinham a mesma decisão em relação a algo que eu pedia, e desde que o meu pai foi e eu lhe pedi-a opinião sobre determinado assunto, ao qual já tinha pedido à minha mãe, acontecia muito de terem opiniões opostas. [...] Vamos imaginar que eu queria ir a algum lado e um dizia que achava bem e outro que não achava tão bem, eu acabava por ir. Percebi que antes como eu perguntava aos dois ao mesmo tempo a decisão era tomada em conjunto, portanto eu nem percebia quem era a favor e desfavor, mas assim, com o meu pai longe, eu já compreendia melhor tudo (Liliana, 22 anos).

É de salientar o apoio que os filhos recebem neste momento, seja por parte das mães, dos irmãos ou de outros familiares e amigos que lhes sejam importantes. Assim, tal como João, 24 anos, explica o apoio sentido pela mãe:

Senti que a minha mãe me ajudava em tudo, como sempre, mas mais porque já não dividia as tarefas com o meu pai e tentava-me mostrar que o meu pai estava a trabalhar fora para termos mais dinheiro (João, 24 anos).

Patrícia, 24 anos, salienta que o apoio da mãe e dos irmãos foi importante:

Penso que o apoio da minha mãe e irmãos foi importante para sentirmos menos falta dele. Não consigo explicar melhor (Patrícia, 24 anos).

Ângelo, 19 anos, fala da relação com a mãe e com os irmãos durante a ausência do pai:

Foi ótima, estivemos sempre juntos e unidos. Igual com a minha mãe que sempre nos ajudou muito enquanto ele não estava. [...] Deu-nos apoio, carinho, explicava sempre tudo acerca do meu pai, levava-me sempre a escola e ia a todas as atividades que a escola fazia, esteve sempre muito presente em tudo relacionado connosco. [...] Gosto muito dela e sempre nos demos todos bem (Ângelo, 19 anos).

Para Madalena, 18 anos, foi importante o apoio da mãe:

Tive muito apoio da minha mãe, até acho, que fomos as duas apoio uma da outra. Fomos sempre seguindo, com o pai longe, mas presente. [...] A minha mãe fazia tudo por mim, passeava comigo, brincava, ajudava-me nas coisas da escola. Acho que relativamente ao apoio que dei a minha mãe, passou um pouco pelo meu melhor comportamento e um pouco mais de compreensão com ela, naquela altura à minha maneira porque só tinha 9 anos. [...] Antes dele ir foi sempre muito boa, muito compreensiva, muito brincalhona. Quando foi e ao longo do tempo todo que esteve ausente, era igual só que à distância. Quando regressou voltou ao que era dantes, portanto nada mudou mesmo. [...] Sempre fomos unidas e super parecidas. Depois quando fiquei sozinha com ela, ainda me tornei mais parecida com ela no feitio. À medida que fui crescendo, os nossos feitios começaram a notar-se muito. Começamos a ter mais atritos. Sendo eu filha única e o meu pai não estando, era tudo para cima de mim basicamente. [...] Fui entrando na adolescência e crescendo, portanto fui impondo mais a minha posição relativamente a minha mãe. Acho que se ele tivesse sempre, a minha mãe não reclamava de tudo comigo, mas claro sem a certeza absoluta do que disse porque não posso comparar com outra realidade que não vivi. [...] Sinto que ela não podia ter feito melhor e que tal como me custou a mim não o ter em casa a ela também. Por isso não a posso julgar por nada. Fez o melhor que pode (Madalena, 18 anos).

Para Ana, 25 anos, o mais difícil foi o pai não estar presente fisicamente em casa, num ambiente familiar, acrescentando que teve o apoio da mãe:

A ausência dele. A falta dele em casa. O meu pai quando estava sempre em casa era uma pessoa bastante presente, notava-se que ele estava em casa, era basicamente o homem da casa. Penso que se notou muito em casa a sua falta, tanto eu como a minha mãe, porque deixamos de ter tanto “movimento” em casa claro. [...] Apoiei-me muito na minha mãe. Foi muito boa ajuda. [...] Conversávamos muito, ela levava-me sempre à escola, passeávamos juntas e ainda dormi com ela em algumas noites, sabia bem (Ana, 25 anos).

Perante a situação a jovem mencionou que a mãe foi um apoio essencial, sentindo que pode ter sido favorável e não para a sua personalidade:

A minha mãe foi uma grande ajuda claro, ela insistia comigo e então conversamos sobre isso. Mas em relação aos outros familiares, eu nunca referi nada, mas talvez a minha mãe tenha dito algo. Sobre os meus amigos, não me recordo muito bem, mas penso que atribui sempre à saída de casa do meu pai. [...] Como eu era super agitada, penso que me ajudou a acalmar. No entanto, penso que também me fez pensar mais nas coisas e ficar mais vezes sozinha a pensar sobre tudo (Ana, 25 anos).

No caso da Ana, 25 anos, a relação com a mãe passou por altos e baixos:

Acho que passamos por várias fases ao longo dos anos. Eu e a minha mãe temos um feitio muito parecido, então havia alturas em que eu já precisava que o meu pai voltasse porque estava a “sobrar tudo para mim”. Havia alturas em que tínhamos mais atritos e outras que nos dávamos muito bem e nos apoiávamos muito. [...] Houve momentos em que foi complicado gerir porque somos as duas teimosas e tornava-se difícil quando comecei a crescer e a ter mais noção de tudo. Já não me calava e dizia tudo o que sentia (Ana, 25 anos).

Muitas vezes, este processo pode ter implicações na forma como os indivíduos passam a pensar acerca de si mesmos. Joana, 23 anos, expressa o seu ponto de vista acerca da forma como a ausência do pai pôde ou não ter afetado o modo como pensava acerca de si mesma ao longo do passar do tempo:

Na altura não pensei muito nisso sinceramente! Só agora depois dele já estar cá de vez, e como cresci e já sou adulta é que percebo que talvez tivesse sido diferente, mas que nem eu consigo especificar o quê (Joana, 23 anos).

Patrícia, 24 anos, considera que a ausência do pai não afetou o seu processo de crescimento e o modo como foi pensando acerca de si própria:

Nesse sentido não acho que tenha tido grande relevância, sempre fui uma pessoa bastante reservada que se remete muito ao silêncio e a pensar para si própria por isso não me afetou nesse sentido, pelo menos que eu me tenha percebido de forma consciente (Patrícia, 24 anos).

Questionado Alfredo, 25 anos, de que forma é que a ausência diária do seu pai, durante o seu crescimento, afetou, ou não, a forma de pensar sobre si mesmo, o mesmo refere:

Ao início comecei a perder rendimento na escola, as notas começaram a baixar, pois os dias e as semanas iam passando e ele não estava, nem aparecia. Pensava por que motivo estava a acontecer aquilo comigo? Mas rapidamente também verificaram que algo não estava bem, e comecei a ter apoio (Alfredo, 25 anos).

Apesar de João, 24 anos, refere que não influenciou o seu processo de crescimento e o modo como foi pensando acerca de si próprio:

Sinceramente penso que não influenciou a imagem que tenho de mim próprio. Acho que o facto de eu me retrair mais não foi mau de todo porque também não é muito bom contarmos tudo e nos abrimos com toda a gente que nos aparece à frente. Eu era assim e sinto que deixei de ser (João, 24 anos).

Relativamente ao modo como Ângelo, 19 anos, lidou com o facto do pai não ter estado diariamente presente fisicamente, podendo ou não afetar a forma como este foi pensando acerca de si próprio, afirma:

Acho que nada me afetou nesse aspeto (Ângelo, 19 anos).

Perante a ausência física do pai, Madalena, 18 anos, diz que sente que não afetou no modo como ela foi pensando acerca de si mesma:

Acho que não afetou o modo como pensava acerca de mim. Acho sim que afetou no meu crescimento, porque apesar de ele estar bastante presente na minha vida através do telefone, não estava ali pessoalmente. Então acho que sim foi totalmente diferente estar só com a minha mãe do que estar com os dois. Senti isso até porque a minha mãe vivia comigo as coisas, o meu pai sabia das coisas e vivia de outra forma que não presencial. Não sei propriamente identificar o que afetou no meu crescimento, mas sinto que acaba sempre por afetar de alguma forma. Até porque por algum motivo para eu nascer foi preciso o pai e a mãe, portanto para o meu crescimento também o seria preciso. Por razões monetárias não o foi possível, pelo menos até aos meus 14 anos, mas claro que olhando para trás consigo perceber as diferenças de ser só a mãe ou os dois em conjunto (Madalena, 18 anos).

Ana, 25 anos, afirma ter afetado na forma como foi pensando acerca de si mesma com a ausência física do pai, responsabilizando os familiares e amigos de a fazerem notar a diferença:

Aqui posso dizer que sinto que afetou. Sinto que fiquei mais tímida e mais introvertida. Penso que fiquei mais no meu canto. Eu sempre fui muito faladora e agitada e desde que o meu pai foi que acalmei e fiquei mais no meu canto. [...] Comecei a ouvir os outros a dizer que estava mais caladinha, por exemplo. [...] Os familiares, a minha mãe, os meus amigos que iam a minha casa (Ana, 25 anos).

No decorrer da entrevista, é perguntado à entrevistada, Cristina, 24 anos, se a mesma sentia que o facto de o pai não ter estado presente a 100% no seu crescimento afetou a forma como esta pensa sobre si mesma:

Não totalmente. Só acho que em algumas atitudes pensei “há tanta coisa pior, como o meu pai a trabalhar lá fora”. Não sei se me fiz entender (Cristina, 24 anos).

Há que ter em conta que as relações entre pai e filho/a podem ser prejudicadas ou beneficiadas com esta experiência. Foi perguntado a Mariana, 24 anos, se a sua relação com o seu pai se modificou após a sua partida:

Não, conseguimos ficar ainda mais cúmplices um do outro (Mariana, 24 anos).

Cristina, 24 anos, afirma não ter tido nenhuma conversa com o seu pai antes da sua partida, aproveitando para contar se a sua relação com o mesmo sofreu ou não alguma alteração com esta ausência, acabando mesmo por a descrever:

Não nunca tive, acho que já é um assunto que o entristece por si só. Aliás, ele não é uma pessoa de falar muito dessas coisas. [...] Sim, mas para melhor. Ficamos todos mais unidos. E passamos a dar mais valor aos momentos. [...] Sim. O meu pai é uma pessoa fechada e eu não sou muito. Quando ele voltou parece que se tornou uma pessoa mais descontraída que aproveita mais os momentos e não leva tudo tão a sério! Lá está até posso ser eu que estou a dar mais valor agora, pode ser a minha perceção de ver as coisas que está diferente agora e não ele que está diferente, mas isso não sei. Mas que a nossa relação está mais leviana isso está. (Cristina, 24 anos).

Perante a ausência física da figura paterna, a relação entre pai-filho pode ou não mudar, tanto para melhor como para diferente ou até igual. Neste sentido, Patrícia, 24 anos, explica:

Antes de ele ter emigrado tínhamos uma relação próxima, era uma das filhas mais novas então tínhamos uma boa relação. Durante o tempo em que esteve fora a relação foi ficando mais fraca diria eu, não estando presente acabou por fazer com que perdesse muitos momentos importantes o que levou a um certo afastamento. Depois do regresso a relação melhorou, mas nunca voltou a ser o que era antes. [...] Mas agora que penso nisso e que já tenho outra idade, considero que lidei com esse afastamento com naturalidade. Ao que mudou, acho que foi mesmo o facto do meu pai não estar presente fisicamente, então acaba por ser diferente do que se estivesse sempre comigo (Patrícia, 24 anos).

Alfredo, 25 anos, descreve a sua relação com o pai antes e durante a emigração do mesmo:

Bastante boa até. O meu pai era um amigo, conversava sobre tudo com ele e acho que mesmo depois dele ter emigrado isso se manteve, só que sem o ter por perto fisicamente (Alfredo, 25 anos).

Devido ao distanciamento físico resultante da ida da figura paterna, torna-se provável que a relação pai-filho possa mudar, positiva ou negativamente. Em relação a João, 24 anos, descreve:

Sempre tivemos uma boa relação, lembro-me de brincar com ele, rir e conversarmos muito. Quando ele foi, continuamos a falar na mesma, mas era diferente, porque naquela altura as conversas que tínhamos eram no meio das brincadeiras, então por chamada e videochamada era só para contar as coisas do dia a dia. Quando regressou de vez, eu tinha 18 anos, foi naquela fase em que eu também não gostava de contar tudo e então não me abria tanto com ele nem com a minha mãe. Acho que apenas mudou nisso. [...] Era boa, quando eu era pequenino lembro-me que ele passava muito tempo comigo a brincar, quando comecei a crescer, já não brincávamos, mas era uma boa relação (João, 24 anos).

Todos os pais dos participantes regressavam temporariamente a Portugal para “matar saudades”.

Cristina, 24 anos, fala da frequência com o pai vinha a Portugal, assim como o tempo que este permanecia no país e de que forma eram aproveitados esses dias:

Regra geral, de dois em dois meses, mas dependia muito do tipo de obra que estavam a fazer. [...] 3 dias depende, mas não mais que 5 dias. [...] Também não podíamos aproveitar muito porque tínhamos escola, ou a minha mãe trabalhava continuávamos com a nossa vida naturalmente. Mas lá está ao jantar era sempre tudo muito mais completo. Era reconfortante, via-se que a minha mãe principalmente ficava muito feliz boa também óbvio, mas ela principalmente. [...] Eram momentos divertidos! Sem dúvida (Cristina, 24 anos).

Liliana, 22 anos, relata a frequência com que o pai regressava a Portugal, quanto tempo permanecia e de que forma era aproveitada a sua vinda:

Rondava sempre as épocas festivas, como o Natal, Páscoa e por vezes ele tentava estar presente nos aniversários quando possível. Sendo que, por norma, também vinha no verão umas semanas. [...] Geralmente, ficava 2 semanas ou às vezes 3. [...] Essas semanas eram excelentes, pois tentávamos compensar o tempo perdido e aprimorar os laços afetivos (Liliana, 22 anos).

Patrícia, 24 anos, refere ainda que quando o pai regressava temporariamente, começou a sentir que a afetava:

Acho que acabei por criar algumas barreiras emocionais para não estar constantemente a sofrer com a situação, acabei por me tornar mais fria a nível emocional para combater essa situação de forma mais controlada penso eu. [...] Sempre fui muito reservada, por isso só acho mesmo que mudou relativamente ao meu pai, como não falávamos tanto, ou melhor, não estava tão presente como se estivesse comigo sempre. Pensando bem nisso, considero que a minha relação com ele não teria mudado se ele não tivesse ido porque acho que ambos fizemos de tudo para estarmos sempre presentes na vida um do outro (Patrícia, 24 anos).

Patrícia, 24 anos, menciona com que frequência o pai regressa a Portugal e por quanto tempo, aludindo de que forma aproveitavam esse tempo:

Por norma uma a duas vezes por ano no máximo. [...] Entre duas semanas a três. [...] O tempo acabava por nunca ser muito porque havia sempre coisas que são precisas fazer, mas fazíamos muitos passeios, principalmente no campo, jantares de família, basicamente aproveitar o tempo em grupo (Patrícia, 24 anos).

Patrícia, 24 anos, acrescentou ainda, explicando, de que forma sentia a ansiedade:

Sentia nervosismo interior, assim o coração mais acelerado, sentia-me mais agitada e com falta de sono quando se aproximava o dia de chegada dele. O tempo foi quase que um melhor amigo, porque com o tempo, os dias, meses e anos a passarem fui-me habituando (Patrícia, 24 anos).

No caso de Alfredo, 25 anos:

Na Páscoa, em Maio que há um fim de semana prolongado, férias grandes (Agosto) e Natal. [...] Páscoa, 4 dias e no feriado 2 dias. Nas férias e natal, 3 semanas. [...] Estávamos sempre todos juntos e íamos de férias. Estávamos com a família toda. Aproveitávamos ao máximo o tempo com ele [...] Era um momento de alegria e de felicidade. Como se fosse uma grande festa! (Alfredo, 25 anos).

Assim sendo, Alfredo, 25 anos, descreve, igualmente, o que sentia no momento da partida:

Os primeiros dias era um vazio novamente como se a casa estivesse vazia, mas voltava-se ao normal e como já estava habituado, tudo passava (Alfredo, 25 anos).

Ângelo, 19 anos, explica como foi o regresso definitivo do pai a Portugal, exprimindo o que sentiu e se algo mudou:

Foi muito feliz, cheio de saudades e um alívio porque já não tinha de ir amanhã ou daqui a uma semana. Não ia mais. Foi ótimo mesmo. [...] Acho que ficamos mais unidos (Ângelo, 19 anos).

Alfredo, 25 anos, explica de que forma ele fazia falta na sua vida familiar e como se adaptaram a tal ausência:

Coisas simples, como mudar lâmpadas, arranjar isto, arranjar aquilo, tratar dos carros, tarefas que a minha mãe não fazia porque tinha o meu pai e agora faz ou fazemos ou até chamamos alguém a casa para o fazer. E mesmo ao jantar sentíamos a falta dele porque era sempre o pai que faltava e por motivos de trabalho para termos uma vida melhor. [...] Inicialmente foi difícil, muito. Era como um vazio, faltava alguém naquela ponta na mesa do jantar, faltava alguém para isto e para aquilo tudo que antes era o meu pai que fazia. Depois, com o passar de dias, de meses a até de anos, habituamo-nos a não presença física dele. Foi com o tempo. (Alfredo, 25 anos).

João, 24 anos, referiu em que datas o seu pai voltava e de que forma era aproveitado o tempo com este:

Ele vinha sempre na Páscoa, no Natal, passagem de ano e em Agosto. Vinha 1 semana na Páscoa, 2 semanas para apanhar o Natal e a passagem de ano e vinha 3 semanas em Agosto. Depois, tirava outras viagens de fins de semana para vir cá, mas só vinha de sexta a domingo. [...] Nas épocas festivas era sempre aproveitado com mais família, mais em grupo. Em Agosto íamos sempre uma semana de férias os três. Depois nos fins de semana fazíamos sempre algo diferente para aproveitar com ele. Íamos jantar fora, estávamos com casais amigos dos meus pais, passeávamos e as vezes até íamos passar o fim de semana que ele vinha a outro sítio (João, 24 anos).

Os sentimentos que os participantes nutriam nos momentos em que o pai regressava a Portugal e voltava para o país onde trabalhavam, respetivamente, são muitos. Relativamente a João, 24 anos:

Sentia entusiasmo, felicidade, às vezes custava a adormecer na noite anterior a dele vir. Lembrome que a minha mãe dizia que eu não para quieto. [...] Totalmente o contrário. Sentia tristeza, chorava sempre no momento de ele dizer o último adeus (João, 24 anos).

Ângelo, 19 anos, afirma, explicando de que forma era aproveitado esse tempo:

Ele vinha apenas duas vezes por ano, não tinha como vir mais vezes. [...] Duas ou três semanas. [...] Nós íamos na mesma à escola e mantínhamos a nossa rotina, apenas ao fim de semana é que estávamos com a família toda e fazíamos mais coisas juntos. Ou então quando ele vinha nas nossas férias grandes da escola. [...] Jantávamos todos em família, passeávamos, íamos de férias todos juntos, divertimo-nos muito (Ângelo, 19 anos).

Ângelo evidencia quais os sentimentos causados com a ida e regresso do pai nestas épocas:

Inicialmente só sentia tristeza por toda a situação que causava nas minhas irmãs e mãe e a despedida. Conforme os anos foram passando e eu fui tendo mais noção da situação, é que fui sentindo mais saudade, mais ansiedade antes de ele vir e quando ele estava para ir. Sentia também assim um mau estar dentro de mim, mexia muito comigo todo este processo. [...] Sentia-me ansioso, acelerado, mais agitado. [...] Perto do dia dele regressar ou voltar para França, era mais complicado porque andava agitado, mas depois à medida que o tempo ia passando e ia tudo regressando à normalidade (Ângelo, 19 anos).

Foi questionado a Ângelo, 19 anos, o que sentia quando o pai estava ausente em datas especiais para a família:

Sentia-me triste perto das datas, nas datas e logo após, depois passava a tristeza, mas sentia muito mesmo. [...] Ele nunca estava nos aniversários, então já por aí era triste não o ter. Mas acho que a data que mais sentia e mais custava era mesmo o Natal. Talvez porque estávamos mais tempo em casa e então sentia mais a falta dele. E como lá em casa todos o queríamos ter ali connosco, parecendo que não, ficávamos todos mais murchos e tristes. Falávamos com ele, mas claro que não era a mesma coisa. Penso que para ele também não (Ângelo, 19 anos).

Madalena, 18 anos, refere a frequência com que o pai voltava a Portugal, por quanto tempo permanecia e de que forma eram aproveitados esses dias:

Ele vinha mais ou menos de 3 em 3 meses. Vinha em Agosto, na Páscoa e no Natal/Passagem de ano. Depois vinha a meio dessas datas comemorativas para não ficar tanto tempo lá fora. [...] Em Agosto ficava sempre três semanas e íamos sempre de férias uma semana. No Natal/Passagem de ano ficava duas semanas. Na páscoa ficava uma semana. Depois quando

vinha a meio dessas datas, eram so três dias, nos fins de semana. [...] Em Agosto como eu também estava de férias da escola, estávamos mais tempo e fazíamos piqueniques, passeávamos o cão, brincávamos, íamos aos meus avós almoçar e passar o dia, íamos a praia entre outras coisas dentro deste género. Depois acabávamos por ir de férias uma dessas três semanas para algum lado com os meus tios e primas. No Natal e passagem de ano era entre visitas a família, prendas e assim. Na páscoa também a volta da família. Depois nos fins de semana que ele vinha fazíamos sempre algo diferente, como ir passar o fim de semana a outro sítio e passear (Madalena, 18 anos).

Tal como a maior parte dos participantes, Ana, 25 anos, recebe o pai nas épocas festivas, relatando de que forma eram aproveitados os dias:

Ele vinha em épocas festivas, porque eram as únicas viagens que a empresa pagava. Então vinha na Páscoa, no Natal, na Passagem de ano e nas férias de verão. Basicamente 3 vezes ao ano. [...] No verão íamos os três de férias uma semana que a minha mãe também tirava férias, mas era apenas uma semana, então íamos sempre passar a algum lado, normalmente ao Algarve. As outras duas semanas em que a minha mãe trabalhava, eu ficava sempre com o meu pai e passeávamos, estávamos com amigos e familiares que o meu pai já não via há algum tempo, almoçávamos fora só os dois ou com mais gente. Na Páscoa estávamos mais em casa e com familiares e passávamos o Domingo de Páscoa com mais família. No Natal era altura de comprar prendas, doces, preparar tudo. Normalmente o meu pai era o pai natal porque os meus primos ainda eram mais pequeninos então era giro (Ana, 25 anos).

Quando o pai de Ana, 25 anos, regressava a Portugal e voltava para a Suíça, surgiam diferentes sentimentos na jovem, tais como:

Então antes dele vir, tipo uma semana antes, eu já andava mais agitada e mais ansiosa, quando ele voltava para a Suíça, era igual. Penso que a única coisa que mudava era que quando vinha eu sentia-me feliz e quando ia sentia-me triste (Ana, 25 anos).

São várias as estratégias de superação que se podem estruturar derivado deste acontecimento na vida dos participantes.

Para Liliana, 22 anos, as estratégias de superação para reverter a distância foram:

Ainda que falássemos todos os dias em videochamada pelo *skype*, não era a mesma coisa. Quando se encontrava cá tentávamos de alguma forma contar pormenorizadamente o que se andava a passar, passear, no fundo aproveitar aquilo que mais sentimos falta na ausência. Aquela presença paterna. [...] Ainda que ele estivesse ausente, como falávamos todos os dias, íamos estando a par do que se passava na vida um do outro. E nesse aspeto acho que foi uma grande ajuda, e, portanto, quando ele estava o podermos manter as nossas rotinas diárias e ter bons momentos em família, era o que nos fazia aproximar a nível afetivo. [...] Não é a mesma coisa ter o pai presente ou falar por vídeo chamada, as conversas acabam por ser mais simples, ou porque durante a chamada nos esquecemos de determinado assunto que tínhamos para contar e depois é que nos lembramos... Ou mesmo em termos de datas e coisas que eu tenha marcadas e que lhe conte, como ele não está presente, e não houve o mesmo assunto a ser falado várias vezes, esquece-se que eu tinha isto ou aquilo combinado. Acho que acaba por ser normal. Estando cá acaba por estar mais presente em tudo (Liliana, 22 anos).

Relativamente às implicações que surgem prejudicando ou não todo o processo, Liliana, 22 anos, descreve e explica todas as estratégias que facilitaram:

Sente-se inevitavelmente uma falta de acompanhamento pois em momentos importantes da nossa vida, o nosso pai uma pessoa muito importante, não está presente. E isso por vezes afeta-nos, deixa nos em baixo e tristes, faz nos comparar a famílias de amigas/os nossos que têm os pais presentes. Faz-nos pensar que gostávamos daquilo para nós. Mas à medida que vamos crescendo percebemos que aquilo que o nosso pai fez, aquele sacrificio de estar sozinho num país distante, é para o nosso bem, é uma decisão de foi tomada por amor, e por preocupação. E então compreendemos e aceitamos, e arranjam forma de que o longe se torne perto, algo que as tecnologias ajudaram imenso a aproximar na distância. [...] Nunca permiti que a distância me afastasse do meu pai, para isso contava-lhe tudo como se cá estivesse, pedia a sua opinião, levava em conta os conselhos que tinha para me dar. No fundo para além do óbvio, para mim no acompanhamento em concreto, no que diz respeito, a saber do que se passava na minha vida e no apoio das minhas decisões ele sempre fez parte de tudo. Ou seja, não o excluí disso por ele estar longe, ao contrário queria que ele se sentisse integrado nas nossas vidas quotidianas (Liliana, 22 anos).

Quando a figura paterna está ausente fisicamente devido à situação de emprego fora do próprio país, é comum que este não esteja presente em datas comemorativas ou especiais, assim como no próprio desenvolvimento total e diário dos filhos. Patrícia, 24 anos, confirma, acrescentando que as tecnologias são o meio de comunicação que permite quebrar a distância:

O que foi mais difícil foi em dias especiais não ter a presença do pai. Por exemplo, dias de anos, Natal, dia do pai, todas as outras crianças tinham a possibilidade de partilhar esses momentos de felicidade com os seus pais e eu não tinha essas mesmas possibilidades. As tecnologias foram ótimas para encurtar a distância (Patrícia, 24 anos).

Alfredo, 25 anos, refere utilizar meios de comunicação para encurtar a distância:

Apenas por chamada e videochamada (Alfredo, 25 anos).

O entrevistado, referiu, ainda, o que fazia para se sentir melhor nos momentos menos bons com que se confrontava:

Andar de bicicleta e ir ter com os amigos (Alfredo, 25 anos).

Pode considerar-se que para João, 24 anos, a escola foi um escape que ele próprio arranjou para evitar pensar no assunto:

Tentava esquecer ou pôr de lado os pensamentos sobre isso e lembro-me que era mais fácil fazer isso na escola do que em casa. [...] Na escola brincava e distraía-me. Em casa não, não tinha irmãos na altura e também era em casa que, normalmente, o meu pai estava e estávamos os três (João, 24 anos).

Ângelo, 19 anos, explica a relação que tinha com o pai antes, durante e após todo o processo da emigração do pai, referindo, também, quais os meios de comunicação que utilizavam para encurtar a distância:

Sempre foi uma boa relação, sempre nos demos bem. O meu pai brincava muito comigo. Depois quando ele começou a ir para fora do país, deixou de brincar claro, mas falávamos todos os dias e eu contava tudo o que tinha sido o meu dia. Quando ele regressou, eu já era mais velho e até estava naquela fase mais chata da idade, mas adaptamo-nos bem todos. [...] Apenas vídeo chamada que me recorde. Enviamos sempre muitas fotografias (Ângelo, 19 anos).

Para Ângelo, 19 anos, era evidente o evitamento:

Quando era mais novo brincava, quando era mais velho, tipo 12 anos e assim, estava com os meus amigos mais próximos e jogávamos consola. [...] Não pensava na situação, o que era ótimo. Só que logo a seguir a deixar de brincar, ou deixar de estar com os meus amigos, ou a ir dormir, vinha ao meu pensamento, e já custava de novo (Ângelo, 19 anos).

Madalena, 18 anos, refere as estratégias de superação relativamente à ausência do pai, referindo o que foi mais difícil:

Lembro-me que falávamos por videochamada, por chamada, enviávamos fotos e vídeos. Acho que as tecnologias foram o melhor. [...] Penso que o facto do meu pai não estar nos aniversários, nas festas de família, nas minhas festas da escola (Madalena, 18 anos).

Ana, 25 anos, expressou o que sentiu:

Penso que foi criada uma habituação. [...] Ele ia e voltava, habituei-me. [...] Acho que custou a ida dele, mas com o passar do tempo habituamo-nos (Ana, 25 anos).

Esta experiência pode eventualmente afetar as relações com os pares.

Joana, 23 anos, explica que este acontecimento não afetou diretamente as suas relações com os respetivos pares (amigos, familiares, professores, colegas):

Na minha opinião penso que não afetou em nada, pelo menos que eu tenha consciência disso (Joana, 23 anos).

Para a participante Cristina, 24 anos:

Eu acho que eu própria me comecei a afastar um bocado das pessoas sem me aperceber. Não sei se por insegurança ou se por ser muito nova na altura. Mas talvez pelo momento que era, e por ver que afinal as coisas não estavam assim tão bem para o meu pai ter que ir trabalhar para fora. Então como me afastei um bocado claro que afetou de alguma forma as minhas relações com as pessoas. [...] Os pais dos outros estarem cá e os meus não, isso causava me insegurança! Não na relação entre mim e a minha mãe, mas por exemplo entre mim e os meus colegas / amigos ou namorado! Família não, família sentia me bem porque eles sabiam da nossa situação, a situação pela qual passávamos (Cristina, 24 anos).

Tendo por base o que foi dito anteriormente pela entrevistada, Cristina, 24 anos, esta explica como conseguiu ultrapassar, se é que conseguiu, toda a insegurança de que falou:

Acho que isso foi o tempo e a idade que me trouxe a sabedoria. O crescimento! Entender que as pessoas têm de nos aceitar assim e sabendo que nós temos os nossos pais que trabalham lá fora porque tem de ganhar a vida assim! Sendo que isso não é vergonha nenhuma (Cristina, 24 anos).

É questionado à jovem, Cristina, 24 anos, se esta sentiu que um outro contexto possa ter sido afetado por esta experiência menos boa pela qual passou:

Atividades extra não tinha vontade de fazer sequer! Na escola também era o básico só queria ir para casa! [...] Continuei sem vontade de ir para a escola estava desmotivada! Depois, lá está, com a compreensão do porquê e com o tempo acabou tudo por melhorar e por me voltar a sentir melhor com as pessoas (Cristina, 24 anos).

A jovem Liliana, 22 anos, não sente que todo este processo a tenha prejudicado na forma como pensa acerca de si, no entanto, modificou nas suas relações com os pares:

Eu penso que quando se dá a ausência do pai, se existir uma presença consistente da mãe, e uma vontade do pai se manter na vida dos filhos, não existem impactos negativos significativos. Mas não sinto que esse evento tenha afetado o meu crescimento de alguma forma. [...] Numa fase inicial de alguma forma parece ter afetado ligeiramente, no sentido em que não tinha muita vontade de conviver com os pares. Mas rapidamente, voltei ao normal tendo uma relação dentro do normal com os amigos, professores e outros familiares. [...] Seria uma menor vontade de conviver, pois sentia me mais em baixo, mais triste. Numa fase de adaptação ainda (Liliana, 22 anos).

Patrícia, 24 anos, sente que, de forma generalizada, todo este processo não afetou nas relações com os pares; no entanto, sente que afetou e fez com que tivesse existido distanciamento com a família paterna, sendo que não se revelou prejudicial.

No geral não, acho que poderá ter afetado um pouco com a família da parte do pai porque sendo ele o elo de ligação e estando longe a relação tornou-se um pouco mais distante do que seria se ele estivesse presente sempre. [...] Sinceramente, acho que não dei grande importância. (Patrícia, 24 anos).

Alfredo, 25 anos, conta de que modo esta experiência menos boa da sua vida afetou, ou não, a sua relação com os pares (amigos, familiares, professores, colegas), incluindo a sua mãe:

Na escola uma certa revolta, daí eu ter baixado as notas. No entanto com amigos e familiares não senti nenhuma alteração. [...] Eu também sempre me dei muito bem com ela, mas sinto que o facto do meu pai não está fazia com que a minha mãe descarregasse mais os problemas do dia a dia dela em mim e nos meus irmãos. De resto, acho que em mais nada mudou. Tivemos de nos adaptar (Alfredo, 25 anos).

De acordo com o impacto que todo este processo de ausência física do pai pode proporcionar nos filhos, mais concretamente, nas relações pessoais destes, João, 24 anos, afirma:

Acho que apenas afetou a relação que tenho com a família do lado do meu pai, ou seja, que é praticamente nula; eu não tenho contacto quase nenhum com eles, e isso talvez se deva ao facto de como o meu pai não estava cá raramente estava com eles. [...] Acho que nada sinceramente, não havia crianças como eu, era tudo adultos, então acho que não senti muita falta (João, 24 anos).

Ângelo, 19 anos, mostrou ter-se tornado mais extrovertido nas suas relações sociais, considerando positiva a mudança, identificando numa escala de 0 (muito pouco) a 10 (muitíssimo), o quão positivo acharia:

Penso que não, acho que até me comecei a dar com mais amigos e a falar mais. Em relação aos professores acho que nada mudou. A única coisa que acho foi que deixamos de fazer tantos jantares com a parte familiar do meu pai. [...] Sim, era mais retraído. Mais no meu canto e passei a ser o contrário, mais agitado, mais falador. [...] 8. Como eu disse, era muito tímido, muito mesmo, e deixei de ser com o passar dos anos. Não sei se foi tudo devido à situação do meu pai ou do meu crescimento, mas penso que foi tudo junto e a forma como foi decorrendo todo o processo que fui melhorando e fiquei mais extrovertido (Ângelo, 19 anos).

Madalena, 18 anos, afirma ter afetado positivamente, explicando como era passado o tempo com os amigos:

Acho que afetou positivamente em termos de amizades. (...) Aos restantes familiares acho que nos unimos mais pelo facto do meu pai ter de ir trabalhar para fora. [...] As minhas amigas quando souberam passaram mais tempo comigo, as nossas mães deixavam dormirmos em casa

umas das outras aos fins de semana mais vezes. E acho que elas compreenderam o porquê de eu as vezes andar triste. [...] Brincávamos muito (Madalena, 18 anos).

Madalena, 18 anos, explica o sucedido no seu desempenho escolar, referindo as mudanças alcançadas:

(...) Em termos de professores, sinto que não se preocuparam tanto com a nossa situação até porque eu desci um pouco as minhas notas. [...] Desceram nesse ano letivo em que o meu pai foi, depois voltou ao normal e voltei a ter notas como tinha antes. Sim eles souberam porque a minha mãe foi falar com a minha diretora de turma a explicar até porque me lembro de ter faltado a escola no dia em que o meu pai foi e como o meu pai ia deixar de estar presente na escola, a minha mãe foi lá falar, portanto sabiam desde o início. [...] No ano letivo a seguir. Como quando ele foi já estava no último período não deu para recuperar ainda no mesmo ano letivo. Mas depois no ano seguinte comecei com boas notas e assim se manteve (Madalena, 18 anos).

Ana, 25 anos, relata que esta experiência afetou substancialmente as suas relações sociais, especificando o momento em que sentiu que a afetava:

Penso que inicialmente afetou e afastou-me deles todos porque eu passei a gostar e a preferir estar sozinha e no meu canto. Depois à medida que fui crescendo voltei a dar-me mais com todos. Em relação aos professores acho que tudo se manteve, a não ser que precisei de mais apoio na escola. [...] Logo a seguir a ele ter ido embora, lembro-me como se fosse hoje de nós a fazermos a mala, porque também quis ajudar, e de o levarmos ao aeroporto e de o deixar ir, choramos. E o resto desse dia foi mesmo desgastante para mim e para a minha mãe. Deixei de querer que os meus amigos fossem tanto lá a casa que normalmente iam mais vezes e preferia estar só com a minha mãe. Voltei a aproximar-me com o tempo. Não sei precisar quando ao certo (Ana, 25 anos).

Para além do apoio familiar, alguns dos participantes assumiram ter sido essencial um apoio extra. Alfredo, 25 anos, descreveu o apoio extra, assim como da perda de rendimento escolar, se se prolongou ou não para além do respetivo ano letivo:

Não, estamos a falar talvez em 3 meses, isto é, praticamente o 1º período. Estiveram a analisar o motivo pelo qual eu andava modificado e até mesmo fui explicando o meu dia a dia. Até que ia sendo acompanhado pela psicóloga. Os contornos sinceramente já não me recordo. [...] Recordo-me que na altura foi uma ajuda enorme, até porque ultrapassei essa situação (Alfredo, 25 anos).

Madalena, 18 anos, mostra ter sido difícil a nível escolar e ter necessitado de ajuda extra, sentindo que foi essencial:

Quando comecei a descer as notas, os meus pais meteram-me numa sala de estudos para me ajudar a estudar. Quando terminou o ano letivo e fui para férias da escola deixei a sala de estudos. Quando comecei no ano a seguir, os meus pais acharam que seria melhor voltar para a

sala de estudos, mas depois com o passar do ano percebemos que já não seria preciso e acabei por sair e estudar sozinha (Madalena, 18 anos).

Madalena, 18 anos, toma a iniciativa de referir que necessitou de apoio psicológico, no momento em que começou a ter um desaproveitamento escolar, sendo que surgiu pelos pais:

Quando comecei a descer as notas, os meus pais decidiram que devia ir para uma psicóloga, que me ia ajudar a gerir melhor os meus sentimentos até porque andava ansiosa e isso prejudicava-me o sono. [...] Inicialmente não achei muita piada, mas depois como a psicóloga fazia jogos comigo, passei a gostar de ir e voltar. Foi até a psicóloga que sugeriu ter acompanhamento de sala de estudo, por isso os meus pais me inscreveram e ia sempre a seguir as aulas para a sala de estudo (Madalena, 18 anos).

Como tal, Madalena, 18 anos, explica como tomou conhecimento de que iria frequentar um apoio psicológico e como foi a adaptação:

Não sabia, não me explicaram em concreto. Disseram que ia falar com uma senhora da escola e dos amigos e ia fazer jogos. Estranhei, mas entranhei como se costuma dizer. [...] Penso que fácil. Eu não era uma criança muito difícil. [...] Foi, porque ela fazia-me pensar como os meus pais não faziam ou eu não os ouvia da mesma forma.

Foi sugerido a Madalena, 18 anos, que identificasse em que nível estaria, numa escala de 0 (muito pouco) a 10 (muitíssimo), de acordo com a ajuda psicológica que teve, referindo quanto tempo usufruiu do acompanhamento:

10. Sinto que foi ótimo. Penso que nem um ano usufruí, mas não recordo bem. (Madalena, 18 anos).

Ana, 25 anos, explicou o apoio que teve, demonstrando como lidou com a situação:

Tive na psicóloga da escola por opção dos meus pais, para não descer as notas. [...] Mal, não queria ir. Não queria que os meus amigos soubessem, ainda por cima ali na escola. Depois comecei a ir obrigada e como gostei da psicóloga comecei a lidar melhor com isso. [...] Sim, falava com ela da escola e de casa. Portanto ajudou-me muito (Ana, 25 anos).

A entrevistada explicita, ainda, quando iniciou essas consultas de psicologia na escola e qual a duração das mesmas:

Pouco tempo depois do meu pai ir e eu a começar a ficar mais no meu canto. [...] Foi nesse ano letivo e no início do seguinte. Depois sentia que já não estava a fazer nada com ela. Disse várias vezes a minha mãe. Como a psicóloga também achou bem terminar as consultas, ficou por aí (Ana, 25 anos).

DISCUSSÃO

Como já referido anteriormente, são vários os motivos que levam à emigração. De acordo com as repostas dos participantes, é possível constatar que estas vão ao encontro dos motivos mencionados no enquadramento teórico. Após uma análise das entrevistas, as principais causas que estão na origem da emigração da figura paterna passam, sobretudo, por:

- Elevadas despesas financeiras: a título de exemplo, um participante afirmou ser necessário o pai emigrar para que este pudesse permanecer na universidade até ao final do curso. Também foi evidente a preocupação das famílias dos participantes em conseguir pagar as despesas básicas, por exemplo, água, luz e renda da casa.
- Proporcionar uma vida estável/ter qualidade de vida: é notório, através da análise das entrevistas, que praticamente todos os participantes ressaltam a ideia de ser possível manter uma vida estável graças à emigração do pai.
- Desemprego: dois dos participantes relataram que o principal motivo da emigração da figura paterna foi a falta de emprego em Portugal.
- Salários mais elevados: apesar de alguns dos pais estarem ativos em Portugal, viram na emigração uma oportunidade de obter um rendimento superior àquele que estavam a receber.
- Preocupação com o futuro da família: esta foi uma das principais preocupações referidas pelos participantes, que os pais tinham antes da decisão.

De acordo com os dados sociodemográficos dos participantes, pode verificar-se que as idades que os participantes referiram ter no momento em que a figura paterna decidiu emigrar, variam entre os 5 e os 17 anos. Torna-se relevante relacionar as idades dos participantes no momento em que o pai emigrou e em que o pai regressou com as fases da teoria de desenvolvimento psicossocial de Erik Erikson.

Tendo por base as fases de desenvolvimento psicossocial de Erik Erikson, dois dos participantes tiveram a figura paterna ausente apenas na fase identidade *versus*

confusão de identidade e os restantes oito, o pai esteve ausente em duas importantes fases: engenho *versus* inferioridade e identidade *versus* confusão de identidade. Na fase identidade *versus* confusão de identidade, tanto a figura materna como a paterna são relevantes no desenvolvimento do participante, na medida em que este necessita do apoio de ambos para possíveis tomadas de decisão importantes no seu quotidiano. Tal não aconteceu com todos estes, uma vez que o pai estava ausente fisicamente, a mãe ficou sobrecarregada nesse aspeto, como referem os entrevistados. No que diz respeito à interferência na formação dos traços de personalidade, todos os participantes sofreram uma mudança, mesmo que esta fosse, de acordo com os seus discursos, pouco significativa. Enquanto que para alguns participantes esta mudança foi positiva, para outros prejudicou as suas relações sociais. Após uma reflexão dos próprios participantes, alguns consideraram ser pessoas introvertidas antes de o pai se ausentar, sendo que isso se alterou com o passar dos anos, tornando-se pessoas extrovertidas, o que para estes foi uma mudança positiva. Contudo, também se percebeu o contrário: os participantes que já se percebiam como introvertidos antes da ausência da figura paterna, com esta, ainda se tornaram mais introvertidos, intensificando o seu isolamento, prejudicando as suas relações com os pares. Houve ainda quem tivesse referido ser extrovertido demais antes da partida do pai, considerando favorável o facto de se ter tornado menos extrovertido.

A fase engenho *versus* inferioridade, também é considerada uma etapa fundamental para o desenvolvimento da personalidade do indivíduo. Nesta fase, para além dos pais, a escola e as relações que nela se desenvolvem, passam a ter um papel significativo na vida da criança. De acordo com a análise aprofundada dos discursos dos participantes, foi visível uma grande variedade de respostas para lidar com esta situação. Foi comum a todos a necessidade que tiveram de se comparar com os colegas da escola, no que diz respeito à presença de uma mãe e de um pai que os outros tinham e estes não, criando sentimentos de tristeza, frustração e revolta. Contudo, alguns dos participantes afirmaram ver os colegas e amigos como um refúgio para evitar pensar no pai, passando mais tempo com estes: andar de bicicleta, jogar *playstation*, levá-los para sua casa e brincar na escola. Outros, pelo contrário, relataram que se afastaram dos colegas e amigos, por questões de insegurança e falta de vontade. A grande maioria dos participantes associou a ausência da figura paterna à desmotivação sentida em relação à escola, sendo isto como principal consequência da falta de aproveitamento escolar.

Para um bom desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança, a interação pai-filho é um fator crucial na capacidade de aprendizagem e integração social. Como é expectável, de acordo com os resultados, teve lugar uma mudança na relação entre pai e filho com o afastamento físico deste, seja esta positiva ou negativa. A não presença física do pai teve um impacto considerável, nomeadamente no quotidiano, alterando as rotinas da família, podendo afetar diretamente na internalização e externalização dos filhos, tal como descrito na literatura (Bernard, Whutson & Kaufman, 2015). Um dos participantes deu um exemplo dessa situação, na medida em que estava destinado ao pai certas tarefas, como, por exemplo mudar uma lâmpada, e após a sua ausência, teve de existir um reajustamento familiar para que o dia a dia pudesse ser vivido com naturalidade. Contribuindo para isto, a maior parte dos participantes referiu a tristeza sentida pelo pai não estar presente em datas comemorativas ou ocasiões especiais, como por exemplo, conclusão do ensino secundário e passagem do ensino secundário para o ensino superior.

O pai ao estar ausente fisicamente fez com que não fosse possível a existência de trocas de afeto, face a face, entre pais e filhos, afetando a relação entre ambos. Um dos entrevistados descreveu o pai como sendo uma pessoa “fechada” antes do momento da partida, porém, revelou-se mais tarde uma pessoa mais descontraída, o que do ponto de vista do participante foi algo positivo. Contrariamente a este, alguns dos participantes afirmaram ter surgido um afastamento entre pai e filho após a sua ida para o estrangeiro, colocando em causa a cumplicidade existente entre os dois.

Todos os pais dos participantes regressavam temporariamente a Portugal, sendo comum em épocas festivas e férias de Verão. Para alguns foi possível regressar a casa, também, em espaços mais curtos de tempo, como por exemplo, aos fins de semana. Um dos aspetos referidos pelos participantes foi o aproveitamento máximo dos momentos passados com o pai durante os dias em que este estava presente: jantares de família e com amigos, passeios em família, brincadeiras entre pai e filho, férias juntos e tarefas do dia a dia.

Foi comum a todos os participantes ficarem a cargo da mãe durante a ausência do pai, sendo uns filhos únicos e outros tendo irmãos. Para uma participante, ser filha única não foi um aspeto favorável, pois esta relatou que a prejudicou na medida em que a mãe descarregava sobre ela os seus problemas, originando discussões entre ambas. É

evidente que com o passar dos anos e com o crescimento dos filhos, a personalidade destes fique mais vincada, podendo ou não ficar semelhante à da mãe, gerando, assim, mais atritos entre ambas. Apesar destes atritos, é comum a todos, o apoio incondicional da figura materna, o fortalecimento dos laços afetivos e a compreensão por parte desta. A palavra “união” foi bastante proferida pelos entrevistados no que toca à relação com a mãe. Um aspeto positivo mencionado por estes ao longo da entrevista, foi o facto de as mães sempre explicarem quais os verdadeiros motivos que levaram o pai a emigrar, esclarecendo quaisquer dúvidas vindas dos filhos ao longo do processo.

É claro que o filho ao estar afastado do pai sente-se obrigado a encontrar estratégias de superação para lidar com todos os sentimentos e emoções derivados desta situação. A principal estratégia mencionada por todos os participantes foi, sem dúvida, os meios de comunicação, tais como: videochamadas, chamadas telefónicas e mensagens escritas. Outra das formas que os participantes referiram para gerir todos os sentimentos e emoções foi encontrar distrações tanto com os colegas/amigos como com a família para evitar que estes pensassem no assunto. Contudo, nem todas as estratégias utilizadas pelos participantes foram suficientes para lidar da melhor forma com a ausência da figura paterna, prejudicando o seu quotidiano. Por iniciativa própria, três dos dez entrevistados sentiram-se confortáveis para contar que os seus pais se viram obrigados a recorrer a um apoio psicológico para os filhos. Os objetivos deste apoio passaram pela mudança de pensamentos e novas estratégias dos filhos de forma a tornar todo o processo menos doloroso.

CONCLUSÃO

Não dar relevância ao desenvolvimento emocional, cognitivo e social da criança e do adolescente é sinónimo de despreocupação com o que estes se podem tornar na fase adulta (Eizirik & Bergman, 2004; Feldman & Klein, 2003). Para que este desenvolvimento e aprendizagem aconteçam, é essencial a presença da mãe e do pai (Ferrari, 1999). O presente trabalho visou, como foi dito anteriormente, problematizar as experiências de jovens a viver num ambiente familiar sem a presença física regular do pai, por motivo de emigração, explorando dificuldades e estratégias de ajustamento psicossocial associadas à construção de si.

Com a elaboração desta pesquisa, a investigadora considera que foi, sem dúvida, uma oportunidade de crescimento e conhecimento para si própria, mas também, seguramente, para os participantes que se disponibilizaram a falar abertamente de si e das suas experiências relativas a um assunto tão delicado nas suas vidas, realizando uma reflexão relativamente exaustiva. A metodologia qualitativa foi a escolha mais acertada para este projeto de forma a privilegiar os discursos dos participantes, dando-lhes oportunidade de desenvolver qualquer ponto de vista ou tópico relacionado com o tema, sem privação de resposta. Nesse sentido, o presente estudo permitiu conhecer uma diversidade de realidades e, por consequente, de experiências e ajustamentos psicossociais.

Este estudo não foi exceção à regra no que toca a limitações surgidas ao longo do seu desenvolvimento. Como as entrevistas seguem um guião semi-estruturado, ao longo destas surgem sempre outras questões importantes de acordo com cada participante, não se permitindo, todavia, uma generalização de respostas. Outra limitação deste estudo foi o facto de surgir a pandemia COVID-19, não permitindo o acesso a mais informação para o enquadramento teórico e, principalmente, prejudicando e adiando todo o processo de realização de entrevistas.

Considera-se, no entanto, que a realização deste estudo prosseguiu impulsionada pela dedicação pessoal, organização, responsabilidade, autonomia e investimento, beneficiando, assim, todo o conhecimento apreendido e aprendizagem. Como pistas de investigações futura, seria oportuno uma exploração mais aprofundada no que diz

respeito ao que as figuras materna e paterna possam pensar sobre o tema, podendo, assim, elaborar uma comparação de perspetivas entre os membros de cada família.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aberastury, A., e Salas, E. J. (1991). *A Paternidade: um Enfoque Psicanalítico*. Artes Médicas, Porto Alegre.

American Psychiatric Association (2014). *DSM 5. Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais* (5ª ed.). Lisboa: Climepsi.

Andre, I. (1993). *O Falso Neutro em Geografia Humana. Género e Relação Patriarcal no Emprego e no Trabalho Doméstico*, Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (policopiado).

Aunola, K., Nurmi, J., Lerkkanen, M., & Rasku-Puttonen, H. (2003). The Roles of Achievement-related Behaviors and Parental Beliefs in Children's Mathematical Performance. *Educational Psychology*, 23(4), pp. 403-421.

Baccelli, M. S. (2012). *Considerações Acerca da Ausência Paterna na Adolescência*. Dissertação de Mestrado, Universidade Metodista de São Paulo.

Barber, B. L., e Eccles, J. S. (1992). Long-term Influence of Divorce and Single Parenting on Adolescent Family-and Work-related Values, Behaviors, and Aspirations. *Psychological Bulletin*, 111(1), p. 108.

Barker, C., Pistrang, N., e Elliot, R. (2016). *Research Methods in Clinical Psychology*. New Jersey: Wiley Blackwell. 3.

Benczik, E. B. P. (2011). A Importância da Figura Paterna para o Desenvolvimento Infantil. *Revista Psicopedagogia*, 28(85), pp. 67-75.

Bernard, S. N., Whitson, M., e Kaufman, J. (2015). The Moderating Effect of Positive Father Engagement and Accessibility on a School-based System of Care Intervention for Mental Health Outcomes of Children. *Journal of Child and Family Studies*, 24(10), pp. 2923-2933.

Black, M. M., Dubowitz, H., e Starr, R.H. (1999). African American Fathers in Low Income, Urban Families: Development, Behavior, and Home Environment of their three-year-old children. *Child Development*, 70, 967- 978.

Braun, V., e Clarke, V. (2006). Using Thematic Analysis in Psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), pp. 77-101.

Braun, V. e Clarke, V. (2013). Teaching thematic Analysis: Overcoming Challenges and Developing Strategies for Effective Learning. *The Psychologist*, 26(2). pp. 120-123.

Carvalho, M. C. B. (2003). O Lugar da Família na Política Social. In: Carvalho, M. C. B. (2003). *A Família Contemporânea em Debate*. São Paulo: EDUC/Cortez, pp. 15-22.

Castro, A. M. M. D., Tomé, R. M., e Carrara, V. A. (2015). A Emigração dos Assistentes Sociais Portugueses: Faces do Trabalho e do Desemprego em Tempos de Crise e Austeridade. *Serviço Social & Sociedade*. 121, pp. 95-124.

Cepeda, F. J. (1995). *28-Emigração Portuguesa: Um Fenómeno Estrutural*. Tese de Mestrado. Instituto Politécnico de Bragança, Escola Superior Agrária.

Correia, A. A. (2016). *Emigração- a Auestão da Identidade Cultural numa Sociedade Global Emigrantes Portugueses em Londres entre 2000 e 2015*. Tese de Doutoramento. Instituto Politécnico de Bragança.

Crompton, R. (2006). *Employment and the Family. The Reconfiguration of Work and Family Life in Contemporary Societies*, Cambridge, Cambridge University Press.

Cúnico, S. D., e Arpini, D. M. (2014). Não Basta Gerar, Tem que Participar?—Um Estudo Sobre a Ausência Paterna. *Psicologia Ciência e Profissão*, 34(1), pp. 226-241.

Dessen, M. A., e Polonia, A. D. C. (2007). A Família e a Escola Como Contextos de Desenvolvimento Humano. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 17(36), pp. 21-32.

East, L., Jackson, D., e O'Brien, L. (2006). Father Absence and Adolescent Development: A Review of the Literature. *Journal of Child Health Care*, 10(4), pp. 283-295.

Eizirik, M. e Bergmann, D. S. (2004). Ausência Paterna e sua Repercussão no Desenvolvimento da Criança e do Adolescente: um Relato de Caso. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 26(3), pp. 330-336.

Ellis, B. J., Bates, J. E., Dodge, K. A., Fergusson, D. M., John Horwood, L., Pettit, G. S., & Woodward, L. (2003). Does Father Absence Place Daughters at Special Risk for Early Sexual Activity and Teenage Pregnancy?. *Child development*, 74(3), pp. 801-821.

Engle, P.L. e Breaux, C. (1998). Fathers' involvement with children: Perspectives from developing countries. *Social Policy Report: Society for Research in Child Development*, 12, pp. 1-23.

Faco, G., e Melchiori, E. (2009). Conceito de família: adolescentes de zonas rural e urbana. *Aprendizagem e desenvolvimento humano: avaliações e intervenções*. São Paulo: Cultura Acadêmica, pp. 121-135.

Feldman, R. e Klein, P. S. (2003). Toddlers self-regulated compliance to mothers, caregivers and father: implications for theories of socialization: *Developmental Psychology*, 39, pp. 680-692.

Ferrari, J. L. (1999). *Por que es Importante el Padre?*. Mendoza. Ediciones del Canto Rodado. pp. 91-117.

Frosch, C. A., e Mangelsdorf, S. C. (2001). Marital behavior, parenting behavior, and multiple reports of preschoolers' behavior problems: mediation or moderation? *Developmental Psychology*, 37, pp. 502-519.

Gomes, A. J. S., e Resende, V. R. (2004). O pai Presente: O Desvelar da Paternidade em Uma Família Contemporânea. *Psicologis: Teoria e Pesquisa*. 20(2), pp. 119-125.

Gonçalves, C. (1997). *A influência da família no desenvolvimento vocacional de adolescentes e jovens*. Tese de Mestrado não publicada. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.

Hutz, C. S., e Bardagi, M. P. (2006). Indecisão profissional, ansiedade e depressão na adolescência: A influência dos estilos parentais. *Psico-USF*, 11(1), pp. 65-73.

Infopedia. (2020). *Família*. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/fam%C3%ADlia>. Acedido em: 05/09/2020.

Jones, K. A., Kramer, T.L., Armitage, T. e Williams, K. (2003). The Impact of Father absence on adolescent separation-individuation. *Genetic, Social, and General Psychology Monographs*, 129(1), pp. 73-95.

Khajepour, M. (2011). Relationship between emotional intelligence, parental involvement and academic performance of high school students. *Social and Behavioral Sciences*, 15, pp. 1081-1086.

Krom, M. (2000). *Família e mitos, prevenção e terapia: Resgatando histórias*. São Paulo: Summus.

Lewis, Jane (2001), The decline of the male breadwinner model: implications for work and care”, *Social Politics: International Studies in Gender, State & Society*, 8, pp. 152-169.

Lima, J. A., Serôdio, R. G., e Cruz, O. (2011). Pais Responsáveis, Filhos Satisfeitos: As Responsabilidades Paternas no Quotidiano das Crianças em Idade Escolar. *Análise Psicológica*. 4, pp. 567-578.

Marinho, S. (2010). Ser Pai na Residência Alternada: Dinâmicas, Trajectos e Contextos da Paternidade. In K. Wall, Aboim, S., e Cunha, V. (Coord.). *A Vida Familiar no Masculino: Negociando Novas e Velhas Masculinidades*. Lisboa: Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.

Marshall, D. B., English, D. J., e Stewart, A. J. (2001). The effect of fathers or father figures on child behavioral problems in families referred to child protective services. *Child Maltreatment*. 6, pp. 290-299.

Marsiglio, W., e Pleck, J. H. (2005). Fatherhood and Masculinities. In M. S. Kimmel, J. Hearn, & R. W. Connell (Eds.), *Handbook of Studies on Men & Masculinities*. London: Sage Publications, pp.249-269.

Merton, R. K. (1975). Thematic analysis in science: notes on Holton's concept. *Science as Culture*, 188(4186), pp. 335-338.

Miller, T. (2011). Falling back into gender? Men's narratives and practices around first-time fatherhood. *Sociology*, 45(6), pp. 1094-1109.

Minuchin, S., e Fishman, C. (2004). *Técnicas de Terapia Familiar*. (JL Etcheverry, Trad.) Barcelona.

Moraes, M. L. Q. (2001). A Estrutura Contemporânea da Família. *A criança na Contemporaneidade e a Psicanálise*, 1, pp. 17-25.

Oliveira., N. (2009). *Família Contemporânea*. São Paulo: Editora UNESP.

O.P.P. (2016). *Código Deontológico*. Ordem Dos Psicólogos Portugueses. 1.

Papalia, D. E., Olds, S. W. e Feldman, D. (2001). *O Mundo da Criança*. McGraw Hill Brasil.

Pascall, G. e Lewis, J. (2004). Emerging gender regimes and policies for gender equality in a wider Europe", *Journal of Social Policy*, 33, pp. 373-394.

Paulo, H. (2017). O Problema da Emigração e do Exílio em Portugal: Imagens e Análises (1910-1974). *Revista de Teoria da História*, 17(1), pp. 147-161.

Pereira, S., Costa, R., Tojal, C., e Tendais, I. (2017). Aspetos psicofisiológicos da interação mãe/pai-bebé. *Análise Psicológica*, 35(4), 453-467.

Pfau-Effinger, B. (2004a). Socio-historical paths of the male breadwinner model – an explanation of cross-national differences. *The British Journal of Sociology*, 55(3), pp. 377-399.

Pfau-Effinger, B. (2004b). *Development of Culture, Welfare States and Women's Employment in Europe*, Aldershot, Ashgate.

Pinheiro, Â., Siqueira, I., e Bucher, J. (1983). Ausência do pai: Uma introdução ao tema. *Revista de Psicologia*, 1(1), pp. 107-122

PORDATA (2020a). *Emigrantes*. Disponível em: <https://www.pordata.pt/Portugal/Emigrantes+total+e+por+tipo-21>., Acedido em: 10/09/2020.

PORDATA (2020b). *Emigrantes Portugueses*. Disponível em: <https://www.pordata.pt/Portugal/Emigrantes+total+e+por+tipo-21>. Acedido em: 10/09/2020.

PORDATA (2020c). *Emigrantes Portugueses por sexo*. Disponível em: <https://www.pordata.pt/DB/Portugal/Ambiente+de+Consulta/Gr%C3%A1fico>. Acedido em: 10/09/2020.

PORDATA (2020d). *Evolução da Escolaridade por sexo*. Disponível em: <https://www.pordata.pt/DB/Portugal/Ambiente+de+Consulta/Tabela>. Acedido em: 10/09/2020.

PORDATA (2020e). *Taxa de Desemprego*. Disponível em: [https://www.pordata.pt/Portugal/Taxa+de+desemprego+total+e+por+sexo+\(percentage+m\)-550](https://www.pordata.pt/Portugal/Taxa+de+desemprego+total+e+por+sexo+(percentage+m)-550). Acedido em: 10/09/2020.

PORDATA (2020f). *Taxa de Desemprego por sexo*. Disponível em: <https://www.pordata.pt/DB/Portugal/Ambiente+de+Consulta/Gr%C3%A1fico>. Acedido em: 10/09/2020.

Rabello, E., e Passos, J. S. (2008). *Erikson e a teoria psicossocial do desenvolvimento*. Disponível em: <https://josesilveira.com/wp-content/uploads/2018/07/Erikson-e-a-teoria-psicossocial-do-desenvolvimento.pdf>. Acedido em: 16/09/2020.

Santos, L. (2005). O papel da família e dos pares na escolha profissional. *Psicologia em Estudo*, 10(1), pp. 57-66.

Silva, M. B., e Stamato, M. I. C. (2017). Importância da Figura Paterna no Desenvolvimento Infantil: Uma Visão dos Pais. *Leopoldianum*, 42(116-8), p. 18.

Silva, M. (1983). *O Emprego das Mulheres em Portugal. A Mão Invisível da Discriminação Sexual no Emprego*. Porto, Afrontamento.

Shinn, M. (1978). Father absence and children's cognitive development. *Psychology Bulletin*, 85(2), pp. 295-324.

Sutter, C., e Bucher-Maluschke, J. S. N. F. (2008). Pais que cuidam dos filhos: A vivência masculina na paternidade participativa. *Psico*, 39(1), pp. 74-82.

Trapp, E. H. H., e Andrade, R. S. (2017). As Consequências da Ausência Paterna na Vida Emocional dos Filhos. *Revista Ciência Contemporânea*, 2(1), pp. 45–53.

Verissimo, R. (2002). *Desenvolvimento psicossocial (Erik Erikson)*. Porto, Faculdade de Medicina do Porto.

Vizzotto, M. M. (1988). *Ausência paterna e rendimento escolar*. Dissertação de Mestrado, Campinas: PUCCAMP.

Wall, G., e Arnold, S. (2007). How involved is involved fathering? An exploration of the contemporary culture of fatherhood. *Gender and Society*, 21(4), pp. 508-527.

Wall, K., e Amâncio, L. (2007). *Família e género em Portugal e na Europa*. Lisboa, Portugal: Imprensa de Ciências Sociais.

Yoshida, L. A. M. (2001). *A ausência paterna e suas repercussões na construção da identidade do adolescente*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas.

Zanetti, S. A. S., e Hofig, J. A. G. (2016). Repensando o Complexo de Édipo e a Formação do Superego na Contemporaneidade. *Psicologia: Ciência e Profissão*. 36(3), pp. 696-708.

ANEXOS

Anexo A– Questionário Sociodemográfico

Toda a informação obtida através deste questionário é anónima e confidencial e tem apenas o propósito de ser analisada para fins de investigação. Agradeço desde já a sua colaboração.

Agradeço desde já a sua colaboração.

I: Dados Sociodemográficos

1. Sexo:	Masculino	<input type="checkbox"/>
	Feminino	<input type="checkbox"/>
2. Idade:	_____	
3. Estado Civil:	Solteiro (a)	<input type="checkbox"/>
	Casado (a) / União de Facto	<input type="checkbox"/>
	Divorciado (a) / Separado (a)	<input type="checkbox"/>
	Viúvo (a)	<input type="checkbox"/>
	Outra	<input type="checkbox"/>
4. Habilitações Literárias:	Primária (entre 1º e 4º anos)	<input type="checkbox"/>
	Preparatória (entre 5º e 6º anos)	<input type="checkbox"/>
	Unificado (entre 7º e 9º anos)	<input type="checkbox"/>
	Secundária (entre 10º e 12º anos)	<input type="checkbox"/>
	Superior	<input type="checkbox"/>
	Sem estudos	<input type="checkbox"/>
5. Profissão:	_____	
6. Situação Laboral:	Empregado	<input type="checkbox"/>
	Desempregado	<input type="checkbox"/>
	Profissional Liberal	<input type="checkbox"/>
	Reformado	<input type="checkbox"/>
	Outra _____	

Anexo B – Guião de Entrevista Semiestruturada

Solicita-se que responda a todas as perguntas de forma sincera. Não há respostas certas ou erradas. Toda a informação obtida através desta entrevista é anónima e confidencial e tem apenas o propósito de ser analisada para fins de investigação.

Agradeço desde já a sua colaboração.

Guião de Entrevista Semiestruturada

Perguntas Exploratórias

1. Poderia, na medida do possível, esclarecer o momento e as circunstâncias associados à ausência física regular do seu pai no contexto familiar?
2. Recorda-se do modo como, na altura, lidou com a notícia de que o seu pai iria emigrar? Recorda-se do que pensou? Do que sentiu? Como reagiu?
3. Poderia falar um pouco das implicações desse processo e do modo como conseguiu, ao longo da sua vida, enfrentá-las?
4. Consegue identificar o que foi mais difícil e por quê?
5. Como foi o processo de lidar com as emoções e sentimentos resultantes desse processo?
6. De que forma é que o facto do pai não ter estado diariamente lá em casa durante o seu processo de crescimento afetou o modo como se foi pensando a si mesmo/a? Se é que afetou?
7. Em que medida esta sua experiência afetou, ou não, o modo como se foi relacionando com os seus pares? Amigos? Colegas? Professores? Restantes familiares?

Anexo C – Declaração de Assentimento

DECLARAÇÃO DE ASSENTIMENTO

Declaro que aceito participar no estudo — Parentalidade Nómada e Ajustamento Psicossocial dos Filhos, tendo sido informado sobre o objetivo da investigação, bem como do estudo em que será incluído. Foi-me dada oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias, e de todas obtive resposta satisfatória. Além disso, foi-me afirmado que tenho o direito de recusar a todo o tempo a minha participação no estudo sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo pessoal. Foi-me assegurado que os registos em suporte papel e/ou digital (sonoro e de imagem) serão confidenciais e utilizados única e exclusivamente para o estudo em causa, sendo guardados em local seguro durante a pesquisa e destruídos após a sua conclusão.

Data: ____/____/____

Anexo D – Parecer da Comissão de Ética



Universidade Fernando Pessoa
www.ufp.pt

*Im consentido à aluna
& anexada (a).)*
[Signature]
11 03 2020

Exmo. Senhor
Prof. Doutor Pedro Reis
Diretor da FCHS

Nº	Data
FCHS/PSC - 33/20	10 de Março de 2020

Exmo. Senhor Prof. Doutor,

A Comissão de Ética, depois de apreciar o projeto de dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, da Ana Rita Maia Valente, intitulado "Parentalidade Nómada e Ajustamento Psicossocial dos Filhos", considera nada haver a opor ao mesmo, desde que a forma de aceder aos participantes que não são da comunidade pessoana se processe através de contacto com o investigador, manifestando a sua vontade de participar. Além disso, deverá ser disponibilizado um consentimento informado aos participantes, e não um assentimento, dado tratar-se de entrevistas.

Com os melhores cumprimentos.

A Presidente da
Comissão de Ética da UFP

[Signature]
Teresa Toldy



Fundação Ensino e Cultura "Fernando Pessoa"

N.º 502 057 602 - Reg. Comercial n.º 26 Conservatória do Registo Comercial do Porto

REITORIA • [Faculdade de Ciências Humanas e Sociais] • [Faculdade de Ciência e Tecnologia] Praça 9 de Abril, 345 • 4245-004 Porto-Portugal • T. +351 22 507 1300 • F. +351 22 550 8269 • geral@ufp.pt
[Faculdade de Ciências da Saúde] • [Escola Superior de Saúde] R. Carlos Da Maia, 296 • 4200-150 Porto - Portugal • T. +351 22 507 4630 • F. +351 22 507 4637 • R. Delfim Maia, 334 • 4200-253 Porto - Portugal
T. +351 22 509 6371 • geral.asaude@ufp.pt UNIDADE de Ponte de Lima - Casa da Garrida • R. Conde de Berrandios • 4990-078 Ponte de Lima-Portugal • T. +351 258 741 626 • F. +351 258 741 412 • geral.plima@ufp.pt